

XXII ENAPOL

ENCONTRO DOS ALUNOS
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA

CADERNO DE RESUMOS
2019



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

Voz média em Kimbundu (H20)

Alex Andrade de Paula e Silva

Uma quantidade considerável de literatura foi publicada sobre o fenômeno da voz média a partir de diferentes perspectivas teóricas (Keyser e Roeper, 1984; Klaimann, 1991; Kemmer, 1993; Rapoport, 1997; Shibatani, 2006; Alexiadou e Doron, 2012). No entanto, esses estudos deram pouca atenção ou ainda negligenciaram essa categoria nas línguas bantas, que possuem diferentes morfemas derivacionais cobrindo diversas partes do domínio semântico dessas construções. Dom, Kulikov e Bostoen (2016) apresentam um argumento convincente em favor de um domínio médio construído por múltiplas formas nas línguas bantas. Para tanto, consideram cinco morfemas como parte dessa categoria: 1) neutro (*-Ik-), 2) posicional/estativo (*-am-), 3) associativo/recíproco (*-an-), 4) separativo intransitivo /reversivo (*-ul-; *uk-), e 5) reflexo (*-(j)i-). Propõem ainda que esses morfemas cobrem parcialmente o domínio médio canônico (Kemmer, 1993) e, por isso, os consideram como marcas “quase-médias”. A partir dessas considerações, o objetivo principal desta apresentação é oferecer uma análise dos marcadores de voz média em Kimbundu, língua banta falada em Angola, classificada como H20 na tipologia de Guthrie (1948). Nessa língua, encontramos quatro morfemas que participam do seu domínio médio: 1) neutro (-ek-), 2) posicional/estativo (-am-), 3) separativo intransitivo/reversivo (-ul-), e 4) reflexivo (-di). Os dados analisados neste trabalho foram extraídos de sessões de elicitação, gramáticas descritivas, narrativas escritas, contos e crônicas publicadas entre os séculos 17 e 21.

Palavras-chave: Voz Média; Línguas Bantas; Kimbundu; Voz Verbal; Domínio Médio.

A manutenção do individualismo e a mão invisível: uma abordagem semiótica em Adam Smith

Alexandre Felipe de Sousa

A pesquisa em semiótica francesa se mostra cada vez mais profícua na análise de textos que saem do meio ficcional “verbal-escrito” (literatura, conto, poesia, etc.) e têm se expandido às demais áreas do conhecimento como as ciências naturais e seus discursos, e aos gêneros com plano de expressão mais complexos, como o cinema, história em quadrinhos, etc. Diante disso, este trabalho tem por objetivo aplicar essa metodologia de análise sobre a obra de teoria econômica *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, visando examinar o “individualismo” dentro das relações actanciais entre destinador e destinatário/sujeito, bem como entender melhor a maneira discursiva sobre o valor do trabalho e do papel da economia na nos processos contraídos entre sujeitos. Já se verifica uma oposição básica entre o primitivo e evoluído como valores operados pela produção individual e coletiva, respectivamente, numa clara dêixis positiva e negativa. Segundo o próprio A. Smith, a divisão do trabalho (DIT) pretende potencializar a força de trabalho em vários sujeitos sob o pretexto de uma efetividade na produção e, conseqüentemente, no seu sucesso – leia-se, o alcance aos objetos. Eis então uma configuração narrativa subjacente ao texto, em que o Destinador-manipulador estabelece um contrato com seu destinatário a fim de torná-lo sujeito de múltiplos objetos (interesses), o próprio e do seu destinador. Em relação ao aspecto discursivo, o autor parece se valer de uma cadeia isotópica do interesse particular como força para sua teoria. A descrição se constrói figurativamente com elementos que vão da biologia – já que fora discípulo de um jusnaturalista – às práticas de trocas nas atividades de comunicação humana.

Palavras-chave: Semiótica; Economia; Destinador; Manipulação.

O processamento acentual em pseudopalavras

Aline Benevides

Esta pesquisa investiga a natureza do acento primário no Português Brasileiro, assumindo a hipótese de que o acento é lexical. Para tanto, analisaremos as estratégias empregadas pelos falantes na atribuição do acento em pseudopalavras a partir de modelos de processamento de palavras. Estes propõem que as palavras podem ser processadas de formas distintas, a depender, por exemplo, do tipo de palavra (familiar, não familiar, pseudopalavra) ou de sua frequência. À luz desses modelos, sugerimos que, se as palavras podem ser processadas de formas distintas, é porque elas estão sujeitas a diferentes fenômenos linguísticos, sendo que estes podem ser responsáveis pela atribuição de diferentes padrões acentuais. Tendo como base os estudos de Hay (2003) e Protopapas *et al.* (2006), hipotetizamos que a similaridade fonológica entre palavras reais e pseudopalavras, a frequência lexical e a probabilidade fonotática são importantes fatores na determinação da maneira como as palavras são acessadas e processadas, por inteiro ou em partes, e que, conseqüentemente, esses fatores são responsáveis por diferentes atribuições de padrões acentuais. A fim de investigar tais hipóteses, realizaremos dois testes, apresentados nesta comunicação ainda em forma de desenho experimental. Para o primeiro, em que buscamos investigar o papel da similaridade fonológica entre pseudopalavras e palavras reais, explicitaremos a métrica a ser utilizada na formação das pseudopalavras e a metodologia para incitação dos estímulos. Para o segundo experimento, que investiga a probabilidade fonotática de seqüências segmentais, demonstraremos a métrica em desenvolvimento para a composição dos estímulos e como eles permitirão contrastar se o processamento ocorre por meio da probabilidade fonotática, por meio de algoritmos ou por meio de um padrão acentual *default*. Por fim, demonstraremos como os estímulos podem nos trazer evidências de que o acento é atribuído via algoritmo ou via léxico.

Palavras-chave: Acento; Processamento de Palavras; Fonologia; Português Brasileiro.

As Relações de Posse no Quimbundo

Aline S. Barreto

A noção de posse é tida como particular a cada sociedade, mas boa parte dos que a estudam concordam que ela é um domínio universal (Langacker, 1995; Stassen, 2009) e que provavelmente todas as línguas possuem expressões convencionizadas para representá-la (Heine, 1997). Nessa perspectiva, esta apresentação busca compreender como são construídas as relações de posse no quimbundo, uma língua africana cujo contato com o português do Brasil colonial tem sido apontado como fundamental na configuração do português brasileiro (Negrão e Viotti, 2012). O *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir de uma seleção entre as sentenças que expressavam relações de posse presentes na *Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, de Héli Chatelain (1988/9). Estas sentenças foram traduzidas para o português e glosadas, de modo a se propor uma classificação para os morfemas identificados, tendo em vista as peculiaridades desta língua aglutinativa. Em seguida, as estruturas e estratégias linguísticas envolvidas na codificação dos tipos de posse atestados no quimbundo foram analisadas, como os nomes, os verbos e algumas construções com o genitivo, a fim de que fossem compreendidos como os constituintes integrantes destas sentenças se caracterizavam semanticamente e que relações sintáticas estabeleciam entre si.

Palavras-chave: Posse; Quimbundo; Século XIX; Gramática; Héli Chatelain.

Covariação na fala de sergipanos em São Paulo

Amanda de Lima Santana

Essa pesquisa propõe investigar se migrantes sergipanos residentes em São Paulo se acomodam, ao mesmo tempo, a variáveis linguísticas de naturezas distintas em uma situação de contato dialetal. A partir de uma amostra constituída por 27 informantes, coletada de acordo com o método das redes sociais (Bortoni-Ricardo, 2011 [1985]; Milroy, 1987 [1980]), a pesquisa pretende averiguar se o migrante está se acomodando (ou não) à fala paulistana quando se consideram as seguintes variáveis linguísticas: vogais médias pretônicas (como em “coragem” e “negócio”), pronúncia do /s/ em coda silábica (como em “estilingue” e “pastilha”), estruturas de negação (ex.: NEG1 ‘Não sei’ / NEG2 ‘Não sei não’ / NEG3 ‘Sei não’) e padrão prosódico de sentenças declarativas (ascendente-descendente ou descendente). Nesse sentido, a principal pergunta do estudo é: o migrante que tende a pronunciar vogais menos abertas, semelhantemente aos paulistanos, também tende a não palatalizar o /s/ em coda silábica, a realizar com mais frequência a forma NEG1 e a enunciar sentenças declarativas neutras com uma curva melódica parecida com a dos paulistanos? Além disso, a pesquisa objetiva verificar se a rede social do falante interfere nesses padrões de variação: o migrante da rede 1 apresenta taxas de acomodação semelhantes ou distintas do migrante da rede 2? E quanto à correlação entre as variáveis: há semelhanças ou diferenças entre as redes? De modo mais geral, a pesquisa busca entender como se dá a variação múltipla das variáveis linguísticas na fala do indivíduo (Labov, 2006 [1966]; Tagliamonte & Waters, 2011; Guy, 2013; e Oushiro, 2016): ela está mais correlacionada a fatores linguísticos ou a aspectos sociais? Os dados serão analisados na plataforma R (R CORE TEAM, 2017).

Palavras-chave: Covariação; Acomodação Dialetal; Migrantes; Sergipe; São Paulo.

O plano de aula online e o uso de tecnologia na sala de aula: considerações semióticas

Ana Carolina Cortez Noronha

Esta pesquisa de doutorado dedica-se a uma análise semiótica dos planos de aula disponibilizados online, nos quais se investiga um simulacro do fazer da sala de aula no seu planejamento, feito pelo professor. São planos de língua portuguesa, anos finais do ensino fundamental, analisados como discursos, utilizando-se a teoria semiótica do discurso de linha greimasiana. A análise desses planos está em fase de conclusão e, neste momento, volta-se para uma indagação: o que seria uma abordagem desejável da tecnologia como um conteúdo escolar em sala de aula? Desde os primeiros Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1998, há diretrizes para o uso da tecnologia em sala de aula com o objetivo de tornar os alunos familiarizados com ela. Essa recomendação foi corroborada nas diretrizes curriculares (de 2013) e, mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (2017). No entanto, o que se observa é uma crescente necessidade do que se pode chamar de letramento digital, que é a capacidade do leitor de saber distinguir as informações boas das ruins no uso da internet, principal tecnologia para circulação da informação atualmente. A tecnologia precisa deixar de ser vista como uma ferramenta, como se observou nos planos de aula analisados, para ser tratada como um conteúdo, no sentido pedagógico do termo. Trata-se, portanto, de construir no sujeito uma competência (semiótica) para lidar com ela. Esta apresentação tem por objetivo mostrar algum avanço nas análises sobre como essa competência poderá ser construída, apoiando-se nas articulações das modalidades do saber e do crer do sujeito, sobre o estabelecimento de um contrato de fidedignidade. Buscamos propor uma contribuição que a semiótica possa dar à construção desse letramento no planejamento de aulas.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Plano de Aula Online; Semiótica e Educação; Letramento Digital.

Linguagem e percepção visual sob óptica de discursos de sujeitos com doença de Alzheimer

Andréa Farias Higa

Em 21 de setembro de 2018, o Ministério da Saúde realizou uma Campanha Nacional de conscientização e notificou que 54% dos idosos com demências têm Alzheimer. A doença de Alzheimer (DA) é compreendida por alterações cognitivas e comportamentais que modificam as práticas cotidianas, sendo associada ao envelhecimento, observando-se um aumento da sua frequência a partir dos 65 anos. O presente trabalho decorre do projeto de mestrado, que visa observar as possíveis contribuições do uso de recursos visuais, especificamente de fotografias, no processo de produção discursiva de idosos com DA. O referencial teórico utilizado será o método enunciativo discursivo da linguagem, desenvolvido por Teun Adrianus Van Dijk (1992), que visa compreender a relação entre o campo visual e o cognitivo. De acordo com o embasamento teórico, deseja-se observar pontos centrais discursivos, bem como o uso do apoio visual na produção de relatos de vida. O recurso metodológico adotado são fotografias. Pelo fato de elas retratarem alguns elementos que constituem os aspectos sócio-histórico-culturais, hipotetizamos que ações realizadas pelos participantes podem ser lembradas por meio de fotos. Os participantes da pesquisa são portadores da doença de Alzheimer, com mais de 65 anos, munícipes de São Paulo. As entrevistas irão ocorrer com aqueles pacientes que tiverem diagnósticos do estágio inicial da doença, selecionados nos serviços do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e da Associação Brasileira de Alzheimer. As interações serão filmadas e será solicitado ao participante que conte eventos de sua vida com e sem o apoio de pistas visuais, a partir de fotografias selecionadas previamente por familiares. Os registros em vídeo serão transcritos e analisados de modo qualitativo.

Palavras-chave: Alzheimer; Cognição; Discurso; Linguagem.

Um modelo de classificação para Reconhecimento de Entidades Nomeadas

Andressa Vieira e Silva

O Reconhecimento de Entidades Nomeadas (REN) é uma sub tarefa na Linguística Computacional que busca identificar os nomes próprios em um texto e, em seguida, classificá-los em conjunto de classes pré-estabelecido, como por exemplo pessoa, lugar, empresa, doença, etc. Essa pesquisa pretende desenvolver um modelo de classificação de nomes próprios com base na distribuição dessas palavras, utilizando para isso as pistas contextuais que indicam a classe de uma palavra. Por exemplo, os pronomes de tratamento, como “senhor”, “doutora”, indicam que a entidade seguinte é o nome de uma pessoa. O pressuposto é que entidades pertencentes à mesma classe tendem a ocorrer em contextos semelhantes, portanto seria possível extrair generalizações a respeito do comportamento dos membros de cada classe. A partir desse modelo de regras, será desenvolvido um sistema computacional híbrido que combina o modelo de regras e aprendizado de máquina. Na etapa de aprendizado, os contextos definidos no modelo serão expandidos para novos exemplos, conforme o sistema começa a obter mais dados a respeito da distribuição dessas palavras. Uma das contribuições desse projeto será investigar e comparar outros modelos de REN, na tentativa de identificar estratégias que funcionam melhor e pior na tarefa. Além disso, será levantada uma discussão a respeito do comportamento dos nomes próprios e um possível modelo de classificação com base na distribuição contextual, que poderá ser explorado e discutido por outros pesquisadores.

Palavras-chave: Modelos de Classificação; Entidades Nomeadas; Linguística Computacional.

Um estudo sobre as irregularidades verbais do português brasileiro via redes neurais artificiais

Beatriz Albiero

Este projeto foi inspirado no experimento conexionista de Rumelhart e McClelland de 1986 e tem como principal objetivo um estudo sobre as irregularidades verbais do Português Brasileiro através de técnicas experimentais em aprendizado de máquina, em particular, redes neurais. O projeto desenvolvido em 1986 pelos pesquisadores exibe um modelo computacional que reproduz o processo de aprendizado infantil na tarefa de identificação e flexão de verbos irregulares no Passado Simples do Inglês. Neste trabalho, busca-se desenvolver o aprendizado da conjugação de verbos para a primeira pessoa do singular no tempo presente do modo indicativo utilizando como referência a forma infinitiva dos mesmos. A escolha desta conjugação específica se dá pelo alto número de irregularidades presentes, fato que dificulta inclusive o processo de aprendizado infantil. Desde a apresentação do problema na década de 80, foram realizados múltiplos avanços tecnológicos e teóricos que impulsionaram o desenvolvimento e o saber a respeito das técnicas de modelagem em redes neurais. Particularmente, uma técnica conhecida como encoder-decoder se destaca dentro do escopo de tarefas linguísticas e se mostra relevante em múltiplas tarefas, com resultados notáveis principalmente em tradução automática e em sistemas de diálogo, e foi por essa razão que tal técnica foi escolhida como principal ferramenta para o aprendizado proposto. O treinamento do modelo desenvolvido ocorre a partir da apresentação de exemplos de verbos codificados a partir de seus respectivos traços distintivos. Tal medida visa explorar as relações fonéticas existentes entre um verbo no infinitivo e seu correspondente flexionado. Neste trabalho, apresento a arquitetura do modelo desenvolvido bem como os resultados parciais obtidos. De antemão, pode-se dizer que a pequena quantidade de dados disponíveis se mostrou como um grande problema para o treinamento do modelo. Contudo, ainda é interessante observar os erros e acertos gerados pelo modelo para cada família de verbos irregulares.

Palavras-chave: Fonologia; Computacional; Aquisição

O futuro do subjuntivo em orações relativas no português brasileiro

Camila Cristina Silvestre dos Santos

Este trabalho investiga o futuro subjuntivo em orações relativas restritivas no português brasileiro considerando as categorias de modo, tempo e aspecto. Partindo de Quer (1998, 2008), assumimos que o modo subjuntivo em orações relativas indica sempre uma leitura não-referencial/atributiva do antecedente e observamos que o futuro do subjuntivo nesse ambiente só é selecionado quando há alguma referência de futuro na matriz, como um verbo no presente do futuro ou um predicado intensional como *querer*. Para questões temporais, tomamos por base a teoria referencial de tempo de Partee (1993) e o conceito de tempo de tópico de Klein (1994, 2009) e propomos que o futuro do subjuntivo deve ser considerado um tempo referencial não passado relacionado a um tempo de tópico saliente no contexto. Abordamos as classes de aspecto lexical propostas por Vendler (1957) para investigar os contrastes entre presente e futuro do subjuntivo em orações relativas, duas formas subjuntivas que autores como Comrie e Holmback (1984) e Marques (2010) consideram competidoras entre si no sistema verbal do português. Concluímos que o contraste entre eles pode parecer pouco relevante a princípio, em especial em casos de predicados estativos, mas que ele se torna mais claro à medida em que se evidencia o tempo de tópico relacionado ao futuro do subjuntivo. Por último, com fins descritivos, voltamos nossa atenção a noções de aspecto gramatical, partindo da relação entre o tempo de situação e o tempo de tópico também proposta por Klein (1994, 2009) para definir o futuro do subjuntivo como um tempo referencial não passado em que, em oposição aos tempos pretéritos do português, não há marcação morfológica de aspecto perfectivo ou imperfectivo.

Palavras-chave: Subjuntivo; Futuro; Relativas.

Metodologia experimental para investigar relações entre as funções executivas e o processamento de linguagem

Camilla de Rezende

Nas últimas décadas, os estudos de processamento linguístico têm ganhado visibilidade na área da aquisição, cujos pesquisadores, recentemente, vêm reinterpretando antigos dados considerando que diferenças no comportamento linguístico entre crianças e adultos podem revelar diferenças na performance, e não na competência linguística. Sob essa perspectiva, tem-se considerado o papel das funções executivas (FE) no processamento linguístico. Alguns autores já têm atribuído às FE algumas das diferenças entre o comportamento linguístico de crianças e adultos em tarefas experimentais (cf. MAZUKA *et al.*, 2009; GROLLA, 2018). As FE estão sujeitas a mudanças em seu desenvolvimento em diferentes faixas etárias, não alcançam a total maturidade até o final da adolescência, por volta dos vinte anos de idade (DAVIDSON *et al.*, 2006), e podem ainda estar sujeitas a mudanças ocasionadas pelo envelhecimento. Nosso objetivo é investigar relações entre as FE e o processamento linguístico em diferentes fases da vida. Para tanto, verificaremos o comportamento de diferentes grupos (crianças, adultos e idosos) em tarefas de FE e em uma tarefa especificamente linguística, a fim de comparar o desempenho dos participantes em ambos os tipos de tarefas, além de examinar possíveis diferenças. O foco desta comunicação é metodologia, de modo que apresentaremos detalhes dos métodos que compõem os experimentos sobre FE: *Wisconsin card sorting task*, sobre flexibilidade mental; *Backward memory span*, sobre memória de trabalho; *Stroop task*, sobre controle inibitório cognitivo; e um teste para investigar o controle inibitório motor; além do teste linguístico: uma tarefa de leitura automonitorada, em que é medido o tempo de leitura de cada segmento de determinadas sentenças. Espera-se que os sujeitos com pior desempenho nas tarefas de FE sejam aqueles com maior tempo de leitura na tarefa linguística. Idade deve ser uma variável relevante, já que crianças e idosos estão mais propensos a um pior desempenho em tarefas de FE.

Palavras-chave: Funções Executivas; Processamento Linguístico; Estudo Experimental; Envelhecimento.

O quadrinho experimental sob a perspectiva semiótica

Clarissa Ferreira Monteiro

A presente comunicação pretende apresentar a pesquisa de doutorado atualmente em andamento, que tem como objeto de estudo o quadrinho experimental. Desde os seus primórdios, o quadrinho construiu uma linguagem – ou sistema, se utilizarmos o termo de Thierry Groensteen (2015) – muito característica. Essa linguagem ou sistema possui convenções, recursos que visam criar efeitos de sentido na leitura, tema esse já presente em inúmeras pesquisas, dentro e fora da semiótica. São essas mesmas convenções que os quadrinhos experimentais buscam explorar e extrapolar. Exemplo disso é o surgimento dos *underground comix* no final dos anos 1960 e suas vertentes pós-1970: a partir de um movimento de contestação, com publicações independentes, surgiram novas possibilidades de manipulação dos formatos, suportes e construção narrativa. Ao experimentar com o sistema verbovisual dos quadrinhos, abrem-se possibilidades de criar efeitos de sentido que vão além da narrativa, com a manipulação do ritmo de leitura e até mesmo com novas propostas de interação com o leitor. O presente momento da pesquisa almeja definir, quanto possível, o que caracteriza o quadrinho experimental como tal, a partir dos conceitos de (i) semiosfera, de Yuri Lotman (1990); (ii) práticas e formas de vida, de Jacques Fontanille (2008) e (iii) normas e valores, segundo os desdobramentos propostos por Klinkenberg (2008, 2010). Os trabalhos existentes sobre a linguagem dos quadrinhos, fora da semiótica, também servem de referência para esta pesquisa, mais especificamente aqueles de Thierry Groensteen (2015), Scott McCloud (2005, 2008) e Daniele Barbieri (2017). Tais estudos permitem verificar as práticas consolidadas nos quadrinhos e como se operam os desvios nas obras experimentais, o que fundamenta a segunda parte da pesquisa, dedicada ao levantamento e análise dos elementos característicos dessa produção.

Palavras-chave: Semiótica; Quadrinhos; Experimentalismo.

O comportamento de epítetos com convencer: evidências para a análise de movimento do sujeito nulo do português brasileiro

Claudia Souza Coelho

A análise de cadeia de tópico (cf. Modesto, 2011) e a análise de movimento (cf. Ferreira, 2000; Rodrigues, 2004) para o sujeito nulo do português brasileiro (PB) divergem salientemente quanto ao estatuto de orações encaixadas finitas com convencer.

(1) *O João convenceu a Mariai que eck/*i tinha que sair.* Rodrigues (2004) propõe que essas orações se comportam como adjunto e o controle de sujeito em (1) é derivado por movimento lateral (Nunes, 2001). Ferreira (2000) apresenta (2) como evidência para essa proposta, pois a correferência entre objeto da matriz e epíteto encaixado não induz efeitos de Princípio C, o que seria esperado se o objeto c-comandasse a encaixada.

(2) *O João convenceu a Mariai que a idiotak deveria assaltar um banco.* Modesto (2011) contesta, apontando que o c-comando entre sujeito da matriz e epíteto em (3) deveria bloquear a correferência, o que, de acordo com seu julgamento, não ocorre.

(3) *O Malufk convenceu o Diogo que o desgraçadok era o melhor candidato.* Com o objetivo de esclarecer o comportamento de epítetos com convencer, aplicamos um experimento piloto; os participantes aceitaram correferência com o sujeito 33% das vezes ($p = 0.10$) e com o objeto, 79% ($p = 0.004$). Esse comportamento recebe uma explicação natural com a proposta de Patel-Grosz (2012) de que epítetos não podem ser c-comandados por seus antecedentes se esses forem idênticos ao *judge* da sentença. Crucialmente, Patel-Grosz argumenta que o *judge* de sentenças com convencer é o objeto da matriz. Assim, a aceitabilidade de correferência com o objeto, *judge* e antecedente do epíteto, encontrada pelo experimento indica ausência de c-comando. Já o sujeito, não é o *judge*, portanto, a aceitabilidade parcial não é problemática. Esses resultados sustentam o argumento de Ferreira (2000), a proposta de Rodrigues (2004) e a análise de movimento para sujeitos nulos do PB.

Palavras-chave: Sujeito Nulo; Convencer; Epítetos; Experimento.

Manipulação junto ao eleitorado feminino: a ideologia pelo viés do sensível

Cleide Lima da Silva

Em 2018, a campanha eleitoral para Presidente do Brasil foi marcada por forte polarização política, com destaque para o eleitorado feminino, dividido entre as mulheres que apoiavam o candidato Jair Bolsonaro, identificadas pelo grupo #EleSim, e aquelas que o repudiavam, reunidas pelo movimento #EleNão. Nesse cenário político, destacam-se os programas de manipulação, que, no discurso, respaldam a ideologia. Fiorin, em *Linguagem e ideologia* (1988), discute como as coerções sociais se manifestam no discurso a partir das sintaxe e semântica discursivas. Mas o que faria destinatárias de determinado discurso aceitarem ou não a manipulação subjacente a ele? Na semiótica narrativa, a manipulação é a ação de um sujeito sobre o outro com o objetivo de levá-lo a querer-fazer algo (GREIMAS; COURTÉS, 2016). Para que uma manipulação seja aceita, o destinador (no contexto eleitoral, o candidato) deve recorrer ao emprego de valores alinhados com seus destinatários (os eleitores). Considerando essas premissas, propomos uma discussão sobre a manipulação e sua relação com a ideologia sob a perspectiva da semiótica discursiva e, par a par, problematizaremos a relação dessa dimensão com o elemento sensível; para a regência do sensível sobre os mecanismos de manipulação, obteremos apoio nos conceitos de Zilberberg (2011), em *Síntese da gramática tensiva*. Pretendemos determinar o papel da ideologia impregnada por efeitos tensivos na busca do sucesso da manipulação. Para isso, procuraremos identificar pontos do discurso ideológico, presentes no nível discursivo, que teriam impacto tensivo para conduzir, de modo mais impactante ou menos a própria manipulação. A partir do viés da tensividade, pretendemos encontrar elementos linguísticos que indicam a possibilidade de a manipulação se firmar como um “acontecimento extraordinário” (ZILBERBERG, 2011). O *corpus* que subsidia essa análise se constitui de quatro tuítes com as hashtags #EleNão e #EleSim publicados durante as manifestações de cada movimento, realizadas nos dias 29 e 30/09/2018.

Palavras-chave: Manipulação; Ideologia; Sensível; Acontecimento Extraordinário; Discurso Político.

Construções semióticas na discursivização de planejamentos e perspectivas de vida em entrevistas orais de jovens indígenas do sexo masculino

Daniel Carmona Leite

A etnia indígena a'uwe ou xavante hoje em dia vive dividida em oito territórios localizados no leste do Estado do Mato Grosso e contava com população estimada em aproximadamente 18.000 indivíduos em 2014. Nossa pesquisa coletou relatos autobiográficos oferecidos por cinco jovens indígenas do sexo masculino (*aibō*), com idades entre 23 e 28 anos, dentre outras entrevistas. Os depoimentos foram oferecidos em português. Nas entrevistas, observamos as diferentes atividades que os jovens declararam realizar, objetivos pontuais, além de planejamentos para o futuro. A partir de uma análise semiótica, baseados na linha de investigação da corrente francesa, veremos como se dá a atribuição de valores modais às figuras utilizadas pelos jovens nas descrições das suas práticas cotidianas. Além disso, buscamos, nos textos, marcas de envolvimento afetivo por parte dos entrevistados diante das ações e perspectivas mencionadas por eles. Constatamos que figuram reiteradamente nos relatos objetivos de caráter coletivo. Dentre eles, está a busca de melhores condições de vida para suas comunidades e famílias. Os jovens declaram estar engajados no fortalecimento dos mecanismos de manutenção e sustentação dos estilos de vida ancestrais (*a'uwe hōimanadzé*), que as gerações mais velhas e a vida em comunidade lhes ensinam cotidianamente, em uma manifestação discursiva da modalidade do dever. Cabe ressaltar que o investimento superficial da categoria do querer, em meio às configurações figurativas mencionadas acima, une a virtualização subjetiva ao escopo da ação coletiva. Assim, verificamos que atividades como a participação nos rituais previstos pelo desenvolvimento pessoal na cultura xavante, o cuidado com a família e a prática de esportes grupais são tomadas pelos atores do sujeito nas entrevistas como algumas das principais ações desejáveis de serem realizadas nos cursos de suas vidas. Em meio às referências teóricas utilizadas para a análise, destacamos autores como Greimas e Courtés (2012) e Zilberberg (2011).

Palavras-chave: Narratividade; Juventude; Cultura Indígena; Discurso Oral; Semiótica.

Termo complexo e Semiótica Tensiva: coexistência estilística e percepção

Danyllo Ferreira Leite Basso

A proposta desta comunicação está radicada no território de uma estilística discursiva (Discini, 2015). A estilística é o estudo do humano e sua existência perceptiva encarnados semanticamente em seus textos. O teor discursivo, ao privilegiar a semiótica de linha francesa, enfatizado em seus desdobramentos tensivos, instaura uma análise do estilo como efeito de identidade/subjetividade a partir de mecanismos estruturais que toma o percurso gerativo de sentido como um percurso gerativo também de estilo. Convocar os desdobramentos tensivos da semiótica greimasiana é, ao mesmo tempo, invocar o pensamento fenomenológico respaldado, principalmente, em Merleau-Ponty. A tensividade, subjacente a todo percurso gerativo de sentido, conjuga os estados de alma aos estados de coisas, com primazia aos primeiros. A presente comunicação procura, na relação *estados de coisas x estados de alma*, o estilo: um modo próprio e recorrente de dizer e fazer-ser o sujeito e o texto da percepção. Sublinha-se neste diálogo científico as reflexões que dizem respeito ao termo complexo. Delineia-se, daí, o objetivo de reflexão desta comunicação: como se dá essa relação paradoxal? Que força tensiva as aproxima e distancia ao mesmo tempo? Como fica a identidade do paradoxo? Do outro lado, inaugura o termo neutro, o vazio? A exemplo de Zilberberg, que jamais deixa de contemplar a imanência semiótica à transcendência filosófica, pode o filósofo Sartre nos ajudar com o *Ser e o nada*? O que isso tudo tem a ver com estilo, com identidade, com produção de textos e discursos, com semiótica? Com o rigor greimasiano que une a teoria à prática, tais reflexões vão emergir da análise da canção *Admirável chip novo* (2003), presente no álbum homônimo de Pitty, em relação intersemiótica com *Admirável mundo novo* (1932), de Huxley.

Palavras-chave: Semiótica Tensiva; Semiótica Greimasiana; Termo Complexo; Estilística Discursiva; Transcendência Imanente.

Desafios na tradução do “*Mémoire*” de Saussure

Edgard Santana Bikelis

Propomos, nesta comunicação, apresentar os resultados parciais de nossa pesquisa sobre o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1879 por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Saussure é especialmente conhecido como o autor do Curso de Linguística Geral de 1916, obra vista, pelas gerações que o sucederam, como a fundadora do chamado “estruturalismo” linguístico e da Linguística contemporânea (SANDERS, 2004, p. 2). Em vida, no entanto, seu reconhecimento se deu em grande parte pela publicação do *Mémoire*, como se pode averiguar, por exemplo, no prefácio anônimo do volume de 1908 dos *Mélanges* da *Société Linguistique de Paris*, inteiro dedicado a Saussure, em que se agradece pelas contribuições “[d]os linguistas eminentes [...] que aceitaram unir suas homenagens àquelas dos antigos alunos do autor do *Mémoire* [...]”. Dado que um dos objetivos de nossa pesquisa é a tradução do *Mémoire*, apresentaremos os desafios encontrados na sua tradução, tomando o capítulo terceiro como exemplo. Abordaremos problemas de natureza técnica, como a edição e codificação do texto, a criação de notas, índices e glossário, a busca das fontes usadas por Saussure, e as particularidades do gênero comparativista de que esta obra faz parte, que soi chamar-se Linguística Indoeuropeia, tanto no desenvolvimento do argumento como na técnica da comparação de línguas. Para isso, valem-nos dos conceitos de “capa técnica” e “documental”, apresentados em Swiggers (2005), para a aproximação do texto do *Mémoire* como documento (a natureza dos dados apresentados, a fonte dos dados, o modo de sua apresentação e de seu uso no argumento), e a sua especificidade teórica e terminológica.

Palavras-chave: Saussure, Proto-Indo-Europeu, Vocalismo.

A construção da imagem da mulher de ascendência africana em *O Cortiço*

Eduardo Prachedes Queiroz

Tendo como base a semiótica greimasiana e usando como *corpus* o romance *O Cortiço* (1890) de autoria de Aluísio Azevedo, analisamos como se dá a construção da imagem das personagens femininas de ascendência africana e quais os resultados dessa construção. Para tanto, valemo-nos do percurso gerativo do sentido, posto que a análise passa por seus três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. No nível fundamental, trabalhamos com a oposição dos termos cultura e natureza, aquela euforizada e esta disforizada, a natureza representada por pulsões naturais e desejos, e a cultura, pelo apreço pelo trabalho e pelas regras sociais. No nível narrativo, tratamos de analisar os papéis de actantes funcionais desempenhados por Bertoleza e Rita Baiana nos esquemas narrativos, observando especialmente as manipulações em que estão envolvidas as personagens, seja na qualidade de destinadoras ou de destinatárias da manipulação, bem como as implicações dessas manipulações para a construção da imagem da mulher de ascendência africana, o que já nos encaminha para o nível mais superficial e complexo: o discursivo. Neste, abordamos principalmente como se dá a figurativização da mulher de ascendência africana, bem como sua iconização por meio da ancoragem dos atores em pessoas (Rita Baiana e Bertoleza), tratando, ainda, das leituras temático-figurativas de três percursos: (i) da hiperssexualização da mulher de ascendência africana, (ii) do assujeitamento pautado em questões raciais e de gênero, e (iii) da hierarquia entre raças. Ainda no nível discursivo, tratamos das “relações argumentativas entre enunciador e enunciatário”, nas palavras de Diana L. P. de Barros em *Teoria semiótica do texto*, analisando pressuposições e subentendidos constantes no texto, com vistas à análise do fazer persuasivo do enunciador.

Palavras-chave: Semiótica; Mulher Afrodescendente; *O Cortiço*.

O ensino de Linguística no Brasil (1960-2010): uma historiografia construída a partir de documentos dos cursos de Letras e Linguística

Enio Sugiyama Júnior

Nesta comunicação, apresentamos alguns dos resultados encontrados durante o desenvolvimento da pesquisa de doutorado, cujo principal objetivo é construir uma historiografia do ensino da disciplina Linguística no período entre sua implantação em 1962 e o projeto de expansão do ensino superior em 2007. Partimos do trabalho realizado por Altman (1998), que construiu uma historiografia da produção linguística brasileira entre 1968 e 1998, mostrando como o surgimento da Linguística como disciplina autônoma provocou mudanças tanto no modo de produção de conhecimento sobre a língua quanto nas formas de organização acadêmica e profissional. O trabalho de Altman (1998) nos interessa tanto por estabelecer uma primeira historiografia da linguística brasileira quanto pela articulação teórica que a autora faz entre os pressupostos da historiografia linguística proposta por Koerner (1978, 1987, 1995) e Swiggers (1990, 1992) e o trabalho da sociologia da ciência realizado por Murray (1994). A partir destes princípios metodológicos, iniciamos a investigação dos documentos relacionados aos cursos de Letras e Linguísticas das universidades federais (projetos de cursos, grades curriculares, decretos) buscando compreender como os fatores externos (contexto histórico, lideranças acadêmicas, instituições) repercutiram nos fatores internos (conteúdos, referências bibliográficas) nos documentos relacionados ao ensino de Linguística. Foi possível observar que a consolidação de um grupo de especialidades (Murray, 1994) permitiu uma ampliação dos conteúdos e da composição de componentes curriculares associados à disciplina.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Ensino de Linguística; Linguística Brasileira.

Não-figura, não-clausura: a expansão do sentido em Lispector

Fernando Moreira

O trabalho discute, na perspectiva semiótica, a abstração linguística em *Água Viva*, de Clarice Lispector. Parte-se da estratégia de deixar, na enunciação-enunciada, as marcas do processo criativo que resultou em uma grade de leitura contínua, sem divisões em capítulos, a ponto de nos depararmos com um simulacro da enunciação sendo enunciada: uma vigorosa emergência, durante a discursivização, do impulso fórico tensivo do existir semiótico do sujeito. Da oposição semântica fundamental, Lispector retira o sumo: nascer e morrer aproximam-se como um só objeto com estatuto de sujeito - que toma o ator da enunciação numa metáfora da ressignificação das palavras. A narrativa interessa-se por tudo que é, pelo ser daquilo que ela descreve como *it*, que não é a coisa ontológica. A ela, parece-nos, importam as relações, um projeto geral e abstrato que garante à língua a possibilidade de ultrapassagem semântica de limites, mostrando a força das construções sintagmáticas no percurso da *[re]significação*. O sujeito em *Água Viva* retoma a discussão do pintor holandês Michel Seuphour sobre a não necessidade de uma figura para ilustrar suas obras. Em Lispector, esse ideal é transposto para os textos, à maneira do "escrever por esboços" descrito por Bertrand (2003). O esforço é de decomposição, à procura de uma estrutura que justifique o sentido, na qual o afeto subjaz a sua emergência. É negando a língua, mas por meio dela, metalinguisticamente, que as palavras são salvas de limites impostos pela tradição dicionarista - práticas e saberes compartilhados a partir da categorização do lexema. A obra é uma fonte vigorosa de reflexão semiótica.

Palavras-chave: Lispector; Figuratividade; Abstração.

Línguas em contato: Uma aproximação sintático-semântica entre o português do Brasil e de Angola

Gabriella Souza Oliveira

O estudo proposto, ainda a ser desenvolvido, tem como objetivo testar a hipótese de que algumas “estratégias de passivização” (Viotti & Negrão, 2010), encontradas nas línguas bantas, em específico na língua quimbundo, desencadearam o processo de mudança linguística nas variedades brasileira e angolana do português, a partir da incorporação sintático-semântica dessa estrutura em tais línguas pelo contato. Inicialmente, ancora-se na perspectiva teórica de que a transformação gramatical então produzida se reproduz em duas direções: pela transferência de propriedades sintáticas da língua materna para o português em formação no Brasil e pela reestruturação desencadeada do processo irregular da transmissão linguística durante o aprendizado do português (Lucchesi, 2009). Nesse sentido, o interesse pelo estudo do fenômeno está atrelado ao fato de que essas “estratégias de passivização” não são encontradas no português europeu. Essas construções lançam mão de um verbo prototipicamente transitivo não pertencente à classe dos verbos de alternância causativa que está sendo usado com apenas um argumento, o temático. No Quimbundo, a passiva é marcada pelo deslocamento à esquerda do argumento tema/paciente objeto, e a *impessoalização* do sujeito caracterizada pela marca de 3ª pessoa do plural no verbo, como em: *Nzua, a-mu-mono* (João, eles-ele-viram), 'João, ele foi visto.' Dessa forma, o fruto do contato se manifestaria na existência de sentenças: “o programa instalou”, “a entrevista tá gravando” (Viotti & Negrão, 2010) nas duas variedades do português em questão. Para a análise, tenciono comprovar ou refutar a hipótese do contato por meio primeiramente de uma coleta de dados da modalidade falada do português angolano à procura da produção de tais evidências, observando falas de personagens da telenovela angolana *Jikulumessu*. E, em seguida, compará-las, se porventura forem encontradas, às construções semelhantes do português brasileiro, buscando investigar os possíveis fatores que desencadearam a emergência da gramática do português hoje falado no Brasil.

Palavras-chave: Línguas em contato, Mudança Linguística, Português Brasileiro, Português Angolano, Quimbundo.

Este trabalho se propõe a pesquisar o ator da enunciação dos memes de internet de cunho político, para o que partimos de princípios da semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008), que opera com a noção de ator da enunciação como o actante sujeito que desempenha um papel actancial de destinador de valores e um papel temático, que diz respeito ao tratamento axiológico e ideológico conferido aos temas e às figuras do discurso – no caso, o discurso memético. Ao considerar o autor dos memes um ator da enunciação, que, para exercer tal função, desempenha os papéis referidos, problematizamos o criador desse novo gênero discursivo, próprio à comunicação on-line, não é um sujeito biografado, mas um efeito de sentido de identidade, que constrói um estilo próprio (DISCINI, 2015) para subverter o noticiário midiático, fazendo o leitor rir dos fatos noticiados. Buscamos, então, o ator cuja voz é delegada a um narrador, conforme a sintaxe discursiva (FIORIN, 1996) – no esquema de delegação de vozes subjacente a esses enunciados online, nomeados como memes. Por outro lado, com apoio na noção de *ethos* discursivo, herdada pelos comentadores de Aristóteles, que, na sua Retórica (s/d), propõe os três pilares “da arte de persuadir” como *ethos*, *logos* e *páthos*, pretendemos discutir como o *ethos* dos memes, como condição do estilo do gênero, aparece no nível discursivo do percurso gerativo, com respaldo no papel narrativo de manipulador (BARROS, 2001), desdobrado no discurso como o simulacro do sujeito moralizante, politizado, subversivo e com afiado humor. A partir daí entendemos que o estilo do meme se apoia em “valores de absoluto” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Entendemos que a morfologia dos valores de absoluto fica robustecida na triagem exercida pelo ator da enunciação dos memes, que exclui o outro de um horizonte eufórico.

Palavras-chave: Meme de Internet; Análise do Discurso; Semiótica.

Está nascendo uma nação: variação regional e variação individual de gerúndio e IP em romances brasileiros

Gustavo Micael Gomes Martins

Dentre os vários fatos em que o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) divergem está a realização do gerúndio, o qual ocorre majoritariamente como um gerúndio simples no PB e como uma construção perifrástica a + infinitivo, o infinitivo preposicionado (IP), no PE. No século XIX, essa variação já era reconhecida e tratada por certos autores como uma marca de regionalidade e utilizada num discurso nacionalista segundo o qual ocorreria no PB uma hegemonia do gerúndio simples em contraposição à preferência europeia pelo IP, caso similar ao que se observa hoje. A realidade, porém, diverge desse discurso. A partir de dados de estar + gerúndio/IP extraídos de quinze romances produzidos por autores brasileiros oitocentistas de cinco províncias (BA, MG, PE, RJ e SP), foi encontrado um alto grau de variação nos empregos dessa forma. Em um nível regional, há uma distinção forte entre o nordeste e o sudeste, com o primeiro apresentando uma taxa significativamente menor de emprego de IP em relação ao segundo. Mas mesmo dentro do sudeste, a situação não se mostra unânime: enquanto São Paulo e Minas Gerais parecem dividir uma norma, o Rio de Janeiro se destaca por um emprego de IP acima da média. Ainda mais que no nível regional, porém, no nível individual se encontrou um nível ainda mais alto de variação e mesmo autores de uma mesma província apresentam padrões de uso consideravelmente diferentes, muito longe da homogeneidade de outro modo proclamada.

Palavras-chave: Gerúndio; Português; Brasil Império.

A metapoesia de João Cabral de Melo Neto: um estudo semiótico

Hadassa Franca Maciel

A pesquisa tem por objetivo uma análise Semiótica da obra poética do autor pernambucano João Cabral de Melo Neto, buscando encontrar, ao longo de seus poemas, traços de isotopias que construam e reforcem o fazer metapoético do autor. Para isso, temos como corpus de análise diversos poemas espalhados em todos os seus livros, buscando definir uma configuração isotópica própria da reflexão linguística acerca do fazer poético, do ponto de vista do enunciador dos poemas. Cada uma das análises realizadas nos poemas aborda aspectos diversos da teoria Semiótica de linha francesa, buscando adequar o instrumentário de análise ao corpus selecionado. Assim, procuramos demonstrar de que forma foi construída, na superfície discursiva do texto, os elementos isotopizantes para um fazer metapoético. Nesta comunicação, serão apresentadas algumas amostras de análises realizadas e resultados obtidos, incluindo as dificuldades encontradas e os rumos tomados ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Semiótica poética; João Cabral de Melo Neto; Isotopias; Metapoesia.

Relativas ambíguas: dados de interpretação do PB infantil e adulto

Iolanda Dias Goés

Grolla e Augusto (2016) observaram que crianças adquirindo PB, quando instadas a produzirem relativas de objeto, tendem a utilizar a estrutura absoluta (1a), na qual o agente é suprimido e o tema, promovido à posição pré-verbal, concordando com o verbo (NEGRÃO; VIOTTI, 2010). Esse comportamento ocorreu raramente nos dados dos adultos, que preferem utilizar passiva.

- (1) a. Meu jardim i destruiu _i .
b. Este é o jardim i [que destruiu _i]. (relativa com absoluta)

Em 1(b), admite-se apenas a leitura de que o núcleo é tema. Porém, com um núcleo [+ animado], pode-se admitir leitura de tema (2a) ou de agente (2b):

- (2) O menino viu o peixe que comeu.
a. O menino viu o peixe i [que _i comeu _i].
b. O menino viu o peixe i [que _i comeu cv].

Neste trabalho, investigamos a interpretação dada por crianças e adultos a relativas ambíguas como (2) a fim de verificar se há preferência pela leitura de tema, associada à absoluta, ou de agente, na qual consideramos que o processamento se encerra mais rápido devido à tendência do *parser* por atribuir lacuna na primeira posição disponível (PHILLIPS; KAZANINA; ABADA, 2005). Para tanto, 16 crianças entre 3;6 e 4;6 anos, 30 entre 5;0 e 5;11, e 26 adultos interpretaram sentenças com relativas de objeto, passivas e ambíguas. As crianças apresentaram comportamento adulto em relativas de objeto e passivas. Nas ambíguas, elas preferiram a leitura de tema à de agente (73% vs 27% nas mais novas e 59% vs 41% nas mais velhas). Os adultos preferiram agente, mas não rejeitaram tema completamente (74% vs 26%). A considerável frequência da leitura de tema nos dados infantis e adultos sugere que a absoluta seja uma estrutura ativa na gramática nuclear do PB, disponível, portanto, a crianças e adultos falantes da língua.

Palavras-chave: Relativas Ambíguas; Estrutura Absoluta; Aquisição Da Linguagem; PB.

O Morfema Derivacional =pa na Língua Sanõma (Yanomami)

Joana Dworecka Autuori

O morfema derivacional =pa da língua Sanõma é extremamente produtivo e possui a função de adicionar a noção de telicidade à raízes verbais. Telicidade é a propriedade de uma ação possuir um término intrínseco, como ‘construir uma casa’ ou ‘escrever um livro’.

Esse morfema ocorre nas diferentes classes verbais da língua (verbos dinâmicos, verbos atributivos e verbos posicionais). Em verbos dinâmicos, a noção de telicidade ocorre de duas maneiras:

- a. Alterando o significado da raiz, como no caso do verbo tha ‘fazer’, que se torna thapa ‘produzir, construir’.
- b. Adicionando telicidade sem alterar o significado da raiz, como no exemplo (1), em que o significado da raiz koka ‘juntar’ permanece inalterado, mas é adicionada ao verbo a noção de uma ação que se completou.

(1) ã wa ösö pewö kokapalõma

ã wa= ösö= pewö= koka =pa =lõ =ma
ANA 2SG= CLN:pele= TOT= juntar =DER =PFV =PST
‘Você juntou todas as cascas.’

Em verbos atributivos (verbos estativos que denotam as características de uma entidade), a noção de telicidade explícita que um estado foi atingido por inteiro, isto é, em toda a extensão da entidade, como em (2):

(2) kamisanõ ipa ana sa amo hãsitipalike

kami =sa =nõ ipa ana
1 =1SG =ERG 1POS cogumelo

sa= amo= hãsiti =pa =li =ke
1SG= CLN:cogumelo= seco/desidratado =DER =PFV =PST
‘Eu desidratei meu cogumelo completamente.’

Em verbos posicionais (verbos estativos que expressam uma posição ou postura), a função de =pa em Sanõma pode estar associada a uma mudança brusca ou repentina de posição, como de fato ocorre na cena descrita no exemplo (3):

(3) ã ti ola naha a wani öpapakõma

ã =ti =ola =naha
ANA CLN:madeira =cabeceira =OBL

a= wani= öpa =pa =kö =ma
3SG= DEPR= em.pé =DER =PFV =PST
‘Ficou em pé na ponta da madeira’

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Sanõma; Yanomami.

A sincronização entre ações manuais e bucais em língua de sinais brasileira (libras)

João Paulo da Silva

Durante a sinalização em libras, os surdos configuram o trato bucal de diferentes formas, realizando ações que costumam acompanhar, significativamente, as ações realizadas por outras partes do corpo. Dentre as ações bucais conhecidas como gestos bucais (mouth gestures), há aquelas que se coordenam com as ações manuais, e aquelas que se integram a toda uma configuração corporal (espaço sub-rogado; ação construída; demonstração), compondo-se, portanto, com toda a caracterização da face, e com os movimentos de cabeça e do torso (Metzger 1995). Neste trabalho, atendo-me aos gestos bucais coordenados com as ações manuais, de modo a responder as seguintes perguntas: (i) Como se dá a sincronização entre dos gestos bucais e as ações manuais que elas acompanham? Elas antecipam essas ações, são simultâneas a elas, ou podem aparecer depois da realização da ação manual? (ii) Caso eles ocorram simultaneamente às ações manuais, em que fase da realização dessas ações eles ocorrem? Para isso, apresento um levantamento inicial e uma análise dos gestos bucais realizados durante um trecho de uma interação entre dois surdos adultos fluentes em libras, transcrito no software ELAN com base no modelo proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010). A análise mostra que os gestos bucais mantêm uma coordenação bem ajustada com a fase expressiva dos sinais manuais: em 80,5% dos casos analisados, a fase expressiva das ações bucais correspondem à fase expressiva das ações manuais; em 17% dos casos, as ações bucais ocorrem em uma média de 0.123 milésimos de segundos antes da fase expressiva da ação manual; e em um único caso, a fase expressiva da ação bucal acontece depois da fase expressiva da ação manual. Ao apresentar o filme da sinalização, vou tecer observações sobre possíveis razões para a falta de sincronia em 19,5% dos casos e sobre as consequências desse resultado para a pesquisa.

Palavras-chave: Libras; Ações Bucalis; Gestos Bucalis; Fases do Gesto; Sincronização.

A aquisição de implicaturas escalares e o transtorno de desenvolvimento da linguagem: *insights* iniciais

Jonathan Silva Torres

Em alguns contextos, itens lexicais como "alguns", por exemplo, podem ser interpretados como a negação de outros termos relacionados semanticamente a eles, como "todos". Horn (1972) define esses termos como "escalares" por pertencerem a uma escala de informatividade em que, na escala <alguns, todos>, o primeiro seria o termo mais fraco e o último, o mais forte. Portanto, quando o proferimento de "alguns", numa sentença, é interpretado como "alguns, mas não todos", estamos diante de uma implicatura escalar (IE). Nosso trabalho se incumbe de testar o comportamento linguístico de crianças com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL) e de controles, no cálculo de IEs. O TDL é uma atipia no desenvolvimento infantil que acomete habilidades linguísticas e que, em alguns casos, se associa a déficits na memória de trabalho (MT) (FORTUNATO-TAVARES *et al.*, 2015). Há evidência de que essa população tem desempenho inferior a controles em tarefas envolvendo IEs (AROSIO *et al.*, 2017). Além disso, a literatura de processamento linguístico em adultos aponta para uma associação entre MT com o cálculo de IEs (NEYS; SCHAEKEN, 2007). Nosso experimento contará com a *Question Under Discussion (QUD)* (BENZ; JASINSKAJA, 2017) como uma noção teórica relevante, partindo do pressuposto de que seja um facilitador na computação de IEs. Uma de nossas hipóteses é que IEs são calculadas quando um item escalar responde à *QUD* e, para testá-la, manipularemos condições em que o item escalar é relevante ou não para responder à *QUD*. Outra hipótese é a de que MT é um recurso cognitivo relevante para o cálculo de IEs e, portanto, será aplicado um teste de MT em todos os grupos. Dessa forma, esperamos que os sujeitos deem leituras de IE mais frequentemente quando o item responder à *QUD*, e que o *score* no teste de MT seja similar ao do teste de IE.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Implicatura Escalar; Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem; Pragmática.

O perfil das gramáticas brasileiras no início do século XX

José Bento Cardoso Vidal Neto

As análises preliminares das fontes que compõem o presente trabalho apontam para uma característica marcante da produção linguística brasileira do início do século XX: o crescimento das obras de caráter monográfico e também das gramáticas escolares. De acordo com nossa hipótese, tal crescimento teria alterado o papel central que a gramática tinha até fins do século XIX, fazendo com que ela se tornasse uma obra de viés mais escolar, deixando, assim, para as obras monográficas, a discussão linguístico-gramatical mais aprofundada, dirigida aos especialistas da área, aos pares. Nos limites desta apresentação, nos deteremos apenas à produção gramatical, por nós categorizada em dois grupos: as gramáticas escolares e as gramáticas de referência. Para testarmos tal hipótese, analisaremos, sob o ponto de vista das camadas teórica e técnica (Swiggers, 2004), um total de quatro gramáticas, sendo duas de cada grupo. Das gramáticas escolares, selecionamos as obras *Grammatica expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira e *Grammatica secundaria da lingua portugueza*, de Said Ali. Já do grupo das de referência, optamos por analisar as obras *Grammatica historica*, de Eduardo Carlos Pereira e *Grammatica historica da lingua portugueza*, de Said Ali. A opção por analisar a camada teórica destes dois grupos se justifica no sentido de verificar se há ou não mudanças de ordem epistemológica quando se insere a gramática no universo escolar. Da mesma forma, pela análise da camada técnica, verificaremos se tal inserção escolar altera ou não as maneiras de se analisar e apresentar os dados linguísticos.

Palavras-chave: Gramaticografia Brasileira; Pensamento Linguístico Brasileiro; Século XX.

Afeto e subjetividade no documentário brasileiro Elena: uma análise semiótica

Joyce Lopes

A comunicação proposta visa abordar a significação no filme brasileiro Elena (2012), dirigido pela mineira Petra Costa. Nele, uma experiência bastante pessoal resulta em um texto fílmico sobre a relação da diretora com a memória da irmã, Elena, que comete suicídio aos vinte anos de idade, no início da década de 1990. E vai além para colocar motivações íntimas da menina-mulher Petra que extrapolam a dor da perda, ou utilizam-na como desencadeadora de outros sentimentos manifestados: os estados de alma, as paixões. Trazendo aspectos de um estilo documental, o longa constrói a figura da personagem-título por meio de uma narrativa profundamente emotiva, dando destaque à subjetividade e aos afetos. Deparamo-nos, então, não só com um “discurso da paixão”, mas também com um “discurso apaixonado”. Pretendemos, portanto, a fim de alcançar o objetivo mencionado, realizar análise semiótica fundamentada na teoria de linha francesa – cujo fundador é o lituano A. J. Greimas –, aplicada a linguagens sincréticas, como é o caso do cinema. A partir da busca dos sentidos, trataremos de evidenciar percurso passional dos sujeitos no nível narrativo e entender os processos enunciativos capazes de criar determinados efeitos de sentido através do tom passional, mediando, dessa forma, as relações entre enunciador e enunciatário.

Palavras-chave: Semiótica; Discurso; Enunciação; Afetos; Paixões.

O campo resiste à mudança linguística?

Júlia Maria França Espirito Santo

Em etapa final, esta pesquisa em São Miguel Arcaño (SMA) possibilita compreender certos processos de mudanças linguísticas em curso no português falado no estado de São Paulo. A variável linguística dependente é (L) em encontro consonantal tautossilábico, como em *clavícula, emblema, bicicleta*, cujas variantes com rotacismo são *cravícula, embrema e bicireta*, respectivamente. Com o objetivo de discutir o processo de mudança dessa variável, reportam-se resultados de análises de regressão logística desenvolvidas no R (R Core Team 2018): o rotacismo é favorecido pelos falantes com 30-40 anos, e 50 anos ou mais, relativamente aos de 18-25 anos, bem como na fala de moradores da zona rural (campo), relativamente aos da zona urbana (cidade). As análises dos efeitos da interação entre região de residência e faixa etária dos falantes indicam variação estável no campo, diferentemente do que ocorre na cidade, onde a mudança parece estar consolidada na direção da variante lateral. Apesar do menor isolamento da zona rural de SMA atualmente, proporcionado pelo avanço da tecnologia, acesso às mídias e maior deslocamento sociogeográfico (do campo à cidade), a variante rotacizada lá resiste à padronização linguística. Essa pesquisa variacionista não apenas descreve a fala são-miguelense, mas também se inclui em um conjunto de trabalhos recentes sobre o português paulista – Plaza (2018), em Itatiba; Carreão (2018), em Louveira; Picinato (2018), em Sales Oliveira – que, embora se debruce sobre outras variáveis linguísticas, descrevem processos de mudança linguística com direcionamentos semelhantes aos que se verificam para (L) em SMA – de acordo com a “norma normativa” (Faraco & Zilles, 2017).

Palavras-chave: Mudança Linguística; Variedade Rural; Variedade Urbana; Rotacismo; São Miguel Arcaño.

A leitura de ficção como interação deslocada: um estudo inspirado na etnometodologia

Juliana Angel-Osorno

Este projeto de doutorado, de natureza empírica e interdisciplinar, tem como objetivo resgatar a ação no processo de interação que se dá entre o leitor e a narrativa na leitura de ficção. O que interessa a esta pesquisa é o nível de intersubjetividade da narrativa escrita, em que o leitor de carne e osso interage com os diferentes níveis da narrativa. Para ter acesso a essa interação, utilizarei como dado a marginália deixada por leitores em obras de ficção. A pesquisa será realizada a partir da análise de um corpus de marginália que, até o momento, conta com 133 anotações feitas por três leitores em três livros diferentes. Os dados serão analisados tomando como base os fundamentos da Etnometodologia (Garfinkel 1967, Goodwin 2018, McHoul 1982). Seu objetivo é estudar os chamados “etnométodos”, que são métodos desenvolvidos por alguma pessoa para agir numa determinada situação de interação. A pesquisa propõe, então, o estudo dos etnométodos de leitura. Além da descrição etnometodológica da marginália inspirada pelos trabalhos de Bavelas, Coates & Johnson (2000, 2002), e pela metodologia da Antropologia da Leitura de Livingston (1995), as análises serão feitas de duas maneiras: uma local a modo de uma etnografia dos etnométodos que cada leitor particular utilizou para enfrentar o trabalho de leitura; e outra transversal, que vai se valer de uma organização por tipo de anotação.

Palavras-chave: Leitura de Ficção; Interação Deslocada; Etnometodologia; Etnométodos de Leitura.

A aquisição das vogais arredondadas do francês por falantes de português brasileiro

Juliana Barbosa

As vogais inexistentes no português brasileiro, porém muito frequentes no francês, /ø/, /œ/, /y/, são, geralmente, realizadas como as vogais /e/, /ɛ/, /o/, /i/ ou /u/ por brasileiros aprendizes de FLE (Francês como Língua Estrangeira). No francês, esses sons são distintivos, como em ['blø] (azul) e ['blɛ] (trigo), ['pœʀ] (medo) e ['pɛʀ] (pai), ['ʒu] (bochecha) e ['ʒy] (suco).

Há diferentes teorias que tentam explicar a aquisição de linguagem, e muitas delas assumem um Período Crítico. Lenneberg (1967) sugere que a aquisição é biologicamente determinada e dependente do processo de lateralização hemisférica do cérebro. Em uma outra interpretação de Período Crítico, Kuhl (2000) defende que o aprendizado vai depender de um mapeamento que leva em conta restrições neurais, processuais e computacionais. Quanto à aquisição de uma segunda língua, Kato (2003) afirma que existe um Período Crítico para aquisição nos níveis prosódico e fonológico; segundo a autora, ainda que aprendizes de língua estrangeira sejam sintaticamente competentes, podem apresentar desvios de ordem fonológica.

O presente estudo objetiva analisar e comparar aspectos fonéticos e fonológicos no processo de aquisição das vogais do francês acima mencionadas por falantes de português brasileiro, adultos e crianças, para verificar se as hipóteses relativas ao Período Crítico se confirmam na aquisição de uma língua estrangeira. Para isso, quatro grupos de participantes, adultos e crianças menores de 10 anos, aprendizes e não aprendizes de FLE passarão por testes de percepção e produção de palavras francesas. Será formado, ainda, um grupo controle, composto de falantes nativos. Seguindo Dresher (2003, 2009) e Bohn (2015), queremos observar o mapeamento e a (re)estruturação dessas vogais ao longo do processo.

Palavras-chave: Aquisição; Fonologia; FLE.

A interface sintática e semântica na análise da formação dos sistemas numerais do karitiana e do kamayurá

Juliana Vignado Nascimento

Este trabalho apresenta os resultados da conclusão da pesquisa desenvolvida pela autora para a obtenção do título de mestre. O tema geral de investigação desta pesquisa foi a morfossintaxe e a semântica composicional dos numerais em duas línguas tupi, o karitiana (Arikém) e o kamayurá (Tupi-Guarani). O objetivo central foi propor uma análise da estrutura composicional dos numerais nessas línguas a partir da interface sintática e semântica a fim de avaliar o impacto dessa abordagem para a compreensão sobre sistemas numerais em línguas naturais de forma geral. A interface toma como ponto de partida as seguintes teorias: i) estratégia de empacotamento proposta por Hurford (1987, 2006, 2010) para explicar a sintaxe da formação dos numerais nas línguas naturais. Nessa abordagem operações sintáticas expressam operações matemáticas, como multiplicação e adição, e numerais complexos são formados a partir de numerais e bases morfêmicas multiplicativas; ii) teoria semântica para palavras numéricas desenvolvida por Rothstein (2013, 2017) que propõe que numerais compostos são formados a partir de numerais básicos <n> e multiplicadores lexicais <n <e, t>. A análise dos dados mostrou que ambas as línguas apresentam numerais compostos via estruturas aditivas, mas não via estruturas multiplicativas contrariando (VIGNADO, 2017). Observou-se que o sistemas numerais dessas línguas são de base 5 e apresentam bases numéricas auxiliares que expressam os números 10 e 15, mas não apresentam multiplicadores lexicais que expressem potências de cinco. Concluiu-se que i) esses sistemas numerais são um retrato de sistemas quinários em expansão e sugerem que sistemas numerais se desenvolvem primeiro com estruturas aditivas e então, em um estágio de maior complexidade, com estruturas multiplicativas; e ii) a abordagem de interface mostrou-se produtiva para a descrição e análise desses sistemas.

Palavras-chave: Sistema Numeral; Tupi; Interface; Sintaxe; Semântica.

Aquisição de estruturas de controle de alicamento em PB

Kalyne Alves de Melo

A presente pesquisa investiga a aquisição de estruturas de controle do sujeito e de alicamento do sujeito por crianças adquirindo o PB como língua materna. Considerando que os estudos sobre a aquisição dessas estruturas não apresentam consenso (BECKER, 2006; HIRSCH *et al.*, 2008; MATEU; HYAMS, 2016), o presente trabalho é uma tentativa de contribuição para estabelecermos o padrão de desenvolvimento dessas formas, assim como para investigarmos como as crianças adquirindo PB se comportam linguisticamente diante dessas estruturas. Para testar a compreensão dessas estruturas estamos realizando uma Tarefa de Escolha de Figuras com crianças entre 3;0 e 5;11 anos de idade. Nesse tipo de teste são apresentadas figuras para cada sentença-teste, e os participantes devem escolher a figura que melhor corresponde à sentença ouvida. Fazem parte do experimento sentenças em que o verbo “parecer” está em uma estrutura de alicamento e tem como complemento a cópula “ser”, como em “O menino parece ser moreno”, também sentenças em que o complemento é um verbo eventivo, como em “O menino parece comer”, e sentenças nas quais o verbo é precedido de um expletivo, como em “Parece que o menino é moreno” ou ainda “Parece que o menino está comendo”, por exemplo, assim como sentenças com o verbo de controle “querer” (O menino querer). A observação descritiva dos dados coletados até o momento sugere um desempenho melhor das crianças com a estrutura de alicamento se comparado com o desempenho obtido com a estrutura de controle. Isso se dá quando o verbo “parecer” tem como complemento a cópula “ser”, resultado esse similar ao encontrado por Becker (2006) para o inglês e Mateu e Hyams (2016) para o “parecer modal” em espanhol.

Palavras-chave: Aquisição; Controle; Alicamento; Sintaxe; Psicolinguística.

Fonética e Fonologia no Brasil (1949-2000): conservação e mudança no conhecimento em circulação em teses e dissertações

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira

Nossa pesquisa de doutorado propõe o estudo historiográfico dos caminhos percorridos pelas áreas de estudos da Fonética e da Fonologia no Brasil, ao longo da segunda metade do século XX. Em face da conhecida multiplicidade de modelos disponíveis para tais áreas, nosso objetivo é verificar como as diversas correntes teóricas e metodológicas chegaram ao Brasil, por quem elas foram adotadas, em que instituições, quais foram os seus caminhos (longos, breves; de ampla abrangência, restritos a determinados círculos; em versões “originais”, “adaptadas”, “mescladas”), principalmente nos cursos de pós-graduação em Fonética e Fonologia. Para entender esses processos, lançaremos mão do conceito de ‘capas’ do conhecimento linguístico, de Pierre Swiggers (2005). O autor propõe que existam ao menos quatro ‘capas’ (ou dimensões) em todo conhecimento linguístico formalizado: a teórica (que inclui elementos como visão global de linguagem e concepção de tarefas das disciplinas responsáveis por seu estudo), a técnica (que envolve técnica de análise e métodos de apresentação dos dados), a documental (relativa à documentação linguística utilizada, como número de línguas, tipos de fontes e de dados) e a contextual/institucional (contexto biográfico, sociocultural e institucional). Apresentaremos, na comunicação proposta, a seleção de documentos feita para o estudo (dissertações de mestrado e teses de doutorado) e os resultados até então obtidos. Pretendemos, considerados os contextos de produção de conhecimento, chegar a uma compreensão global dos percursos históricos dos estudos do plano da expressão no Brasil.

Palavras-Chave: Historiografia Linguística; Fonética; Fonologia; Teses; Dissertações.

A codificação linguística do espaço na língua Dâw – resultados finais

Karolin Obert

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados finais de uma pesquisa de doutorado que trata a codificação linguística das noções de espaço da língua Dâw (família linguística Naduhup, AM, 126 falantes) na região do Alto Rio Negro. Levinson (2004) demonstra que diferentes grupos sociais fazem uso de referências espaciais também distintos, gerando assim um impacto na codificação linguística da informação espacial. Tendo essa variabilidade linguística em mente, é necessário refletir sobre os domínios linguísticos que codificam determinada informação espacial. Segundo Levinson e Wilkins (cf. levinson/wilkins, 2006: 2), esses domínios consistem em relação topológica, que indica a coincidência entre figura (objeto a ser localizado no espaço) e fundo (ponto de referência para a localização da figura); e em um sistema de *frames of reference*, isto é, um sistema de coordenação quando figura e fundo estão distantes no espaço e movimento e que descreve o deslocamento de uma figura em relação a um certo fundo. Conseqüentemente, emerge a seguinte questão: em quais classes formais, portanto, esses domínios espaciais são expressos nas línguas? Sendo assim, a pesquisa focou (1) na identificação e na descrição das estruturas fundamentais que Dâw apresenta para codificar referência espacial e (2) na revelação dos padrões semânticos das estruturas identificadas. Uma das principais estruturas para expressar a relação entre figura e fundo em Dâw, entre outras, é o uso de predicados complexos que consistem em um rico inventário de verbos locativos (postura, posição e movimento) fazendo referência à elementos topográficos. Além disso, identificamos um complexo sistema de posposições locativas, cuja escolha, em alguns casos, é motivada por propriedades físicas inerentes do fundo. Apresentaremos, então, um recorte da gramática da língua Dâw com ênfase nas classes formais nas quais noções espaciais se tornam visíveis.

Palavras-chave: Línguas indígenas; Espaço; Typologia; Família linguística Naduhup.

O espaço discursivo do experimentalismo

Lais Akemi Munhoz de Souza

O objeto de estudo de minha pesquisa é o movimento experimentalista português e as relações discursivas e filológicas que mantém com os outros movimentos literários inseridos no mesmo contexto. Para isso, apresentarei exemplos do experimentalismo como escola literária, própria de um tempo e espaço específicos, nesse caso, Portugal a partir da década de 70 do século XX. Além disso, buscarei trazer análises de poemas do Neo-realismo e Surrealismo, componentes principais da rede inter discursiva do discurso experimental. Tais análises irão se basear na teoria semiótica de Greimas e seus colaboradores, como o sistema de análise semiótica discursiva, que abarca fatores como as isotopias do nível discursivo e o quadrado semiótico no nível fundamental. Será utilizada principalmente a teoria da semiótica visual de Floch, que foca o plano de expressão e propõe métodos de análise de elementos gráficos em ambiente textual. Além disso, em prol de delimitar o espaço discursivo do experimentalismo, foi utilizada a teoria do discurso de Maingueneau. Assim, tem-se como propósito da apresentação e da pesquisa, a demonstração das condições literárias e exteriores (contexto histórico, social, político) para a estruturação do movimento experimentalista do modo em que se deu.

Palavras-chave: Experimentalismo; Literatura portuguesa; Semiótica.

Perfis fantásticos: as estratégias discursivas no mundo da fantasia digital

Leonardo Reitano

Esta pesquisa tem como objetivo identificar tendências, caminhos e táticas na criação de discursos durante processo comunicativo ocorrido dentro dos espaços interativos de jogos de videogame multijogador. Esta análise será feita através do estudo das convenções e acordos praticados entre os jogadores a partir da utilização de dois tipos diferentes de categorias identitárias – o perfil (ou avatar) e a personagem –, no intuito de compreender como se opera a criação de discursos dentro de um modelo de comunicação com características pessoais, temporais e espaciais únicas, e onde “fatos reais” e “fatos fantasiosos” possuem pesos similares na interação dos jogadores. A partir dos níveis de pertinência semiótica de Jacques Fontanille, pretende-se analisar tais categorias identitárias e seus diversos níveis de construção, que são conhecidos e assumidos pela comunidade dos fãs e jogadores, e estes caminham por entre tais níveis dada a necessidade de construir e validar seus discursos. Como objetivos finais que esta pesquisa está buscando/visando atingir, se busca compreender o processo de comunicação utilizando o computador como meio exclusivo, observando a dinâmica de comunicação dentro de ambientes destinados à interação de jogadores e fãs de jogos online. A partir destas observações, a pesquisa pretende traçar tendências de utilização e criação de discursos nestes ambientes, compreender os caminhos, convenções, padrões de etiqueta e acordos que guiam a utilização dos fãs e usuários quanto aos personagens e universos criados pelas produtoras de jogos, bem como quais são as dinâmicas de poder, do ponto de vista discursivo, criadas na interação entre jogadores, produtores e fãs das franquias analisadas. Debruçando-se nesta questão, esta pesquisa busca contribuir para o entendimento dos fenômenos da comunicação digital, principalmente em como percursos fantasiosos percorridos em universos criados pelo homem ganham corpo através da produção horizontalizada de discursos no ambiente digital.

Palavras-chave: Discurso; Fantasia; Níveis de Pertinência; Personagem; Avatar.

Léxico de plantas e animais em língua karitiana

Lucas Blaud Ciola

Esta comunicação, resultado parcial da pesquisa de pós-graduação, constitui-se como uma tentativa de encontrar uma ferramenta linguística e lexicológica que facilite a análise do inventário lexical das plantas e animais nas línguas tupis e em especial do povo indígena Karitiana (Rondônia). A partir da teoria do signo de Charles Sanders Peirce (1931), encontramos nas categorias ícone, index e símbolo, as formas que a humanidade usa para nomear os seres vivos do ecossistema que habitam. No que concerne especificamente para signos linguísticos, Hebert Clark (1973) aponta para as categorias ícone, index e símbolo não como tipos de signo, mas sim como um método de sinalização. Dessa maneira, podemos transpor sua teoria para o inventário do léxico vegetal karitiana, a fim de compreender os métodos de nomenclatura utilizados pelos povos originários para identificar e representar seu ecossistema. A partir de dados coletados, tanto em literatura quanto em entrevistas em campo com membros da comunidade karitiana sobre o léxico das plantas karitianas, percebe-se um sistema de classificação espontâneo que emerge da nomenclatura de plantas, tal como é praticado pelos povos originários da terra.

Neste sistema encontram-se padrões que tanto espelham a complexidade dos ecossistemas em que vivem, como espelham, também, a própria relação do ser humano com o meio. Assim, podemos esboçar, na interface da linguística com a antropologia, uma epistemologia genuinamente ameríndia, apontando para a constituição de uma etnociência.

Palavras-chave: Lexicologia, Etno-Biologia.

Semiotização da subjetividade contemporânea

Lucas Porto de Queiroz

O propósito mais amplo de nossa pesquisa é compreender melhor — a partir da ferramenta teórico-metodológica fornecida pela semiótica francesa, mais precisamente em seus veios narrativo e tensivo — de que modo o cenário contemporâneo, pós-moderno se se preferir chamar assim, alterou o modo como passamos a produzir e a interpretar sentido. Trata-se, é importante destacar, de uma pesquisa de feição meta-analítica: semiotizamos um conjunto de textos científicos (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014; SIBILIA, 2016; LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1998, 2004 etc.) que já vêm observando a individualidade atual, que já procederam a uma primeira análise, portanto. A semiótica, como uma teoria que se pretende geral da significação humana, ajudaria a reconhecer o que há de constante, de invariante em meio a esses discursos que, por partirem de diferentes áreas teóricas (filosofia, sociologia, psicanálise), não chegam a explicitar — não por deficiência das pesquisas, mas simplesmente porque não é do interesse dessas teorias —, lançando mão de categorias gerais, os novos arranjos que parecem implicados em nossa maneira de produzir e de interpretar sentido. Nesta apresentação, contudo, sabendo que não haveria condições de fornecer uma visão mais nítida de todos os contornos deste vasto mapa da subjetividade contemporânea, optamos por visitar apenas dois de seus pontos, isto é, duas das invariantes que temos encontrado em nosso *corpus*: a presença de um sujeito do fazer; e a dominância do que chamamos, com ajuda de Edward Lopes (1989/1990), de princípio da alteridade.

Palavras-chave: Semiótica; Subjetividade Contemporânea; Sujeito do Fazer; Princípio da Alteridade.

O que as breagens revelam sobre o comportamento enunciativo do timbre?

Lucas Takeo Shimoda

"De maneira geral, os estudos da Semiótica da Canção assumem que o timbre é uma variante a ser projetada livremente sobre o enunciado à revelia de qualquer determinação prévia (cf. TATIT, 1997). Os sentidos engendrados pelo texto cancional permaneceriam, assim, alheios às possibilidades virtualmente infinitas de timbres figurativamente investidos na manifestação textual. Contrariando essa premissa predominante, uma investigação centrada nos efeitos da permuta timbrística sobre a sintaxe discursiva dos enunciados cancionais aponta evidências de que há diferentes graus de compatibilização entre, de um lado, revestimento timbrístico e, de outro lado, substrato linguístico-melódico de textos cancionais. Triangulando as reflexões fundadoras de Benveniste (1966) sobre o aparelho formal da enunciação, a sistematização das operações enunciativas conforme apresentadas em Fiorin (1996) e a noção de debreagem sensível proposta em Estay-Stange (2011, 2014), resultados parciais de análise mostram como a própria configuração interna do enunciado — seja na estruturação semionarrativa e discursiva de seu componente verbal, seja na estruturação rítmico-melódica e harmônica de seu componente musical — sugere certos revestimentos timbrísticos preferenciais em detrimento de outros. Os dados obtidos mostram que, assim como o sistema dêitico da língua opera debreagens enunciativas de pessoa, também o timbre pode cumprir a mesma função no domínio sensível do exercício da enunciação. A exemplo do que se testemunha na canção enquanto linguagem sincrética por excelência, a validade dessa hipótese deverá ser testada também em textos puramente verbais e musicais. Por fim, debateremos o papel do fazer-interpretativo do enunciatário (GREIMAS, 2014 [1983], p. 115-145) no desencadeamento das debreagens pelo timbre."

Palavras-chave: Semiótica; Enunciação; Debreagem; Timbre; Dêixis.

O português falado na Mooca - Variação linguística na fala de moradores do bairro Mooca em São Paulo

Luciana Massai do Carmo

Apresentam-se os dados qualitativos desta pesquisa de doutorado que vêm sendo coletados a partir da fala de paulistanos residentes na Mooca, um bairro considerado como prototipicamente italiano e paulistano, por meio de observação etnográfica participante, no sentido de verificar semelhanças e diferenças entre as produções linguísticas de descendentes e não descendentes de italianos, com destaque para seus estilos de vida e práticas sociais. Tendo em conta a forte imigração italiana para a capital paulista (VIEIRA, 2010; GOMES, 2000; TRENTO, 1988), bem como o discurso local e midiático sobre a influência do italiano no português paulistano (OUSHIRO, 2015), interessa verificar se descendentes de italianos de fato apresentam padrões particulares na sua fala. Especificamente, o “moquês” (dialeto da Mooca) aparece em destaque no discurso popular sobre a influência do italiano no português paulistano. Esta pesquisa dialoga com a seguinte questão: haveria correlações entre os padrões de variação na fala de grupos e indivíduos e sua ascendência ou suas práticas locais comuns? No que tange à metodologia, além da observação etnográfica, será construída uma amostra sociodemograficamente estratificada de acordo com a descendência do paulistano que vive na Mooca, seu sexo, sua idade e sua escolaridade. A fim de se verificar essa potencial particularidade, até o momento, análises qualitativas coletadas em uma comunidade local (a Associação “Amo a Mooca”) evidenciam a importância de comunidades de práticas na construção de uma identidade local (ECKERT, 2000). Tais análises mostram que seus frequentadores desenvolvem práticas sociolinguísticas marcadas pela influência da língua e cultura italianas, sejam eles descendentes de italianos ou não.

Palavras-chave: São Paulo; Mooca; Italiano; Práticas Sociais; Sociolinguística.

O papel da morfologia de aspecto imperfectivo nas sentenças contrafactuais em PB e em Karitiana

Luiz Fernando Ferreira

Investigamos o aspecto imperfectivo em contrafactuais em PB e no Karitiana. Esse aspecto marca que o tempo do tópico (TT) de uma sentença está incluso ou é igual ao tempo da situação (TSIT) (Klein, 1994) (e.g. [*João empinava pipa*]TSIT, [*quando sofreu o acidente*]TT). Uma contrafactual descreve uma situação implicada como falsa. Por exemplo, ao ouvir a sentença *Se João fosse rico, teria amigos*, subentende-se que é falso que João é rico e que tem amigos. As contrafactuais do Grego Moderno possuem IMPERFECTIVO FALSO porque os verbos são marcados com imperfectivo, mas o evento é concebido perfectivamente (Iatridou, 2000). Há duas análises para esse fenômeno, uma considera que o imperfectivo não tem contribuição semântica (Iatridou, 2000) e outra considera que o aspecto tem uma contribuição semântica, porém em outra posição na estrutura (Ferreira, 2014; 2016). O PB possui aspecto falso no antecedente das contrafactuais e o Karitiana não. A pergunta que queremos responder é: o que é responsável por essa diferença entre essas línguas, ou seja, o que leva uma língua a possuir aspecto falso e outra não? A nossa hipótese é que essa diferença é motivada pela forma como as línguas codificam aspecto. O PB, o Francês e o Grego codificam aspecto imperfectivo através de morfologia fusional que codifica ambos tempo e aspecto e elas possuem aspecto falso. Já o Karitiana codifica o aspecto falso como auxiliar, da mesma forma que ocorre com o inglês, e ambas não possuem aspecto falso. Ou seja, aspecto falso parece só ocorrer em línguas nas quais o imperfectivo é marcado através de morfologia fusional de tempo e aspecto. Isso parece corroborar a proposta de Iatridou (2000), segundo a qual aspecto não possui contribuição semântica em contrafactuais, mas é apenas uma espécie de concordância com tempo.

Palavras-chave: Aspecto; Contrafactualidade; Línguas Indígenas; Imperfectivo.

Pretérito perfeito e imperfeito: reflexões e ensino

Marcela Martins de Freitas

Este trabalho tem como objetivo trazer luz à discussão sobre o ensino de gramática – mais precisamente do pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo – nas aulas de língua portuguesa, no Ensino Médio. Quando procuramos uma definição de tempo verbal, na gramática tradicional, deparamo-nos com algo semelhante a: “Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 381). De acordo com essa visão, o pretérito (ou passado) designaria um fato ocorrido antes do momento de fala. Essa definição é insuficiente explicar a diferença entre sentenças como:

- (1) Ano passado, eu trabalhei naquela escola.
- (2) Ano passado, eu trabalhava naquela escola.

As sentenças (1) e (2) estão gramaticalmente corretas, tanto do ponto de vista da norma padrão quanto da gramaticalidade da língua. Mas têm um significado sutilmente diferente. Em (1), a ação de trabalhar restringe-se ao intervalo de tempo expresso pelo advérbio temporal (ano passado). Em (2), percebe-se que a ação pode se estender além dos limites impostos pelo advérbio. A gramática tradicional normalmente não explica essa diferença. E os materiais didáticos oferecidos aos alunos seguem, na maioria das vezes, os conceitos dessa gramática. A diferença de sentido entre o pretérito perfeito e o imperfeito, que é aspectual (e modal, em alguns casos), mas não temporal, geralmente não é abordada. Assim, propõe-se, aqui, a utilização de um texto narrativo (o conto “Amor”, de Clarice Lispector) como base para uma sequência de atividades de análise linguística e experiências epilinguísticas, como: leitura, observação das formas temporais do passado, substituição de formas do perfeito por formas do imperfeito e vice-versa, que os levem à reflexão sobre esse conhecimento linguístico, já presente em suas mentes, e trazê-lo à consciência de forma sistematizada.

Palavras-chave: Tempos Verbais; Linguística; Ensino.

(Re)Significação, gírias na Língua de Sinais Brasileira

Marcelo Antoni Oliveira

O presente estudo visa analisar as variações discursivas na produção de sinais para gírias em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pela perspectiva enunciativa do Círculo de Bakhtin (2003), analisando o processo de refração do signo em uma determinada comunidade e o contexto sócio-histórico no qual ele foi produzido, visto que nenhuma gíria pode ser fielmente padronizado e seu uso tendem a variar. Os dados foram obtidos através da seleção de enunciados retirados de vídeos em LIBRAS, de diferentes gêneros. Focou-se na análise das expressões faciais e linguagem corporal. Os enunciados foram transcritos para o Português no software ELAN (EUDICO Language Annotator), seguindo a proposta de McCleary, Viotti e Leite (2010). A pesquisa aponta para alguns aspectos discursivos predominantes nas línguas de sinais, principalmente no que se refere à mudanças dos sinais no uso das gírias. Observou-se que os sinais das gírias, em geral, apresentam uma forma reduzida, sendo assim, elaborada em diferentes espaços, conseqüentemente, com variação na configuração de mão, movimento, orientação de mão, expressões faciais, entre outros aspectos que se diferenciam muito do sinal utilizado na linguagem forma e assim, apresentam-se em suas diferentes formas, no entanto exprimem igual significado no processo interpretativo do diálogo, de acordo com a situação discursiva. Os sinais criados não são criações em caráter particular, e é sempre disseminado de acordo com a cultura Surda, onde todos podem compartilhar entre si, uma vez que a cultura não é nunca particular, mas sempre pública.

Palavras-chave: Gírias em LIBRAS; Língua Brasileira de Sinais (Libras); Expressões Faciais.

Sobre a habitualidade expressa pelo pretérito perfeito composto (habitual)

Marcio Azevedo Vianna Filho

A habitualidade foi caracterizada na linguística, ora como um subtipo do aspecto imperfectivo (p. ex. Comrie, 1976 e Lenci & Bertinetto, 2000), ora como uma noção primordialmente modal (p. ex. Schubert & Pelletier, 1987). A caracterização modal da habitualidade reconhece o caráter aproximado de “lei” ou “regra” frequentemente presente em sentenças habituais: João joga futebol aos sábados. O componente modal das sentenças habituais se torna especialmente evidente naqueles casos em que é até dispensável a efetiva ocorrência do evento que se repetiria para constituir o hábito: Mary handles the mail from Antarctica, que significa que Mary processa as mensagens vindas da Antártida quando elas chegam, embora isto provavelmente nunca tenha ocorrido nem vá ocorrer. Há, contudo, sentenças habituais que, em contextos semelhantes, se tornam inadequadas: # She used to go to school by train, although she didn't do it even once. Neste último exemplo, em contraste com o exemplo anterior, é necessário que ocorram efetivamente os eventos que se somam para constituir o hábito. Neste caso, poder-se-ia pensar que a habitualidade significada pela construção *used to* pudesse, em contraste com o *present simple*, ser convenientemente caracterizada como aspectual, isto é, como a simples expressão da “constituição temporal interna de uma eventualidade” (Comrie, 1976). Este trabalho procurará mostrar que a habitualidade expressa pela construção portuguesa pretérito perfeito composto se comporta – quanto à necessidade de efetivação das ocorrências que constituem o hábito – de forma semelhante à construção inglesa com *used to*; mas que um componente modal é também essencial à caracterização de seu significado.

Palavras-chave: Habitualidade; Pretérito Perfeito Composto; Semântica Temporal.

Por uma fenomenologia da língua e do signo linguístico

Marco Antonio Marinelli Filho

A fenomenologia é uma atitude filosófica de caráter ontológico que busca compreender e interpretar a “dinâmica” do objeto que se propõe analisar. Por “dinâmica” deve-se entender o modo de “ser” e de “estar” no mundo mostrados pelo objeto analisado. Os objetos investigados pela fenomenologia são denominados “entes” (e são definidos como entes todos os objetos investigáveis em seu modo de ser, todos os objetos que são e estão no mundo). Portanto, para realizar uma fenomenologia da língua e do signo linguístico, foi necessário considerá-los como entes, como objetos que são e estão no mundo. Para começar a identificar o ser da língua e do signo, recorreu-se primeiramente a autores qualificados como estruturalistas ou, se assim não qualificados, de alguma forma relacionados ao estruturalismo: Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev, Émile Benveniste, Roland Barthes, Umberto Eco e Izidoro Blikstein. Suas obras foram insistentemente lidas e relidas, o que permitiu encontrar diferentes interpretações sobre o ser da língua e do signo linguístico. Tais interpretações, não obstante diferentes, mostraram-se complementares e serviram para montar um modelo de interpretação fenomenológica da língua e do signo – modelo que será o tema da apresentação. Por fim, é interessante destacar que a análise proposta sobre o ser da língua e do signo levará em conta tanto o estruturalismo quanto a fenomenologia e deverá, por isso, trazer algo novo para a compreensão: uma forma de manifestação desses dois entes ainda, talvez, não identificada. Pois, o estruturalismo apresenta-se refém do sintagma – da fala (Saussure), do processo (Hjelmslev) – para compreender o sistema (paradigma); e a fenomenologia, como ignora a noção de língua como forma (estrutura), não consegue compreendê-la suficientemente enquanto ente (e, talvez por isso, não trate do signo linguístico). Não obstante, foi possível a realização de uma análise simultaneamente estrutural e fenomenológica da língua e do signo linguístico.

Palavras-chave: Fenomenologia; Língua; Signo.

Paulist[ẽ:]no e competente: Significados sociais de (AN) e origem do participante

Maria Eugênia Martins Barcellos

O objetivo deste trabalho é investigar quão paulistanos e competentes soam quatro falantes (dois homens e duas mulheres) a depender da variante de (AN) ouvida (em palavras como “antes” e “criança”, variando entre [ẽ] e [ẽ:]) e da origem dos participantes (paulistanos ou não paulistanos). O experimento de percepção sociolinguística foi desenvolvido de acordo com a técnica *matched-guise* (Lambert et al., 1960; Campbell-Kibler, 2009), que consiste em um par de estímulos produzidos por um mesmo falante e que variam somente quanto à variante de (AN) realizada, de forma que um participante ouça e julgue apenas um dos estímulos desse par. Os dados foram analisados na plataforma R (R Core Team 2018). Com base em respostas coletadas de entrevistas metalinguísticas e em imitações caricatas de paulistanos, a hipótese era a de que não paulistanos perceberiam os falantes como mais paulistanos e mais competentes em seus estímulos com [ẽ:] relativamente àqueles com [ẽ], ao passo que, para os paulistanos, ambas as variantes seriam percebidas como mais paulistanas e mais competentes. Os resultados mostram, no entanto, que as variantes são percebidas como muito paulistanas e muito competentes para ambos os grupos de participantes. Dessa forma, faz-se uma discussão sobre o tratamento dado aos índices linguísticos por mostrar que nem sempre esse papel de indicar um significado social relaciona-se a somente uma variante da mesma variável (Campbell-Kibler, 2011). Da mesma forma, discute-se o entendimento da variável sociolinguística pela sociolinguística tradicional e por estudos mais recentes da disciplina que levam em consideração a dinamicidade dos significados sociais das variantes (Eckert, 2008, 2012, 2016).

Palavras-chave: Percepção Sociolinguística; Paulistanidade; Competência; São Paulo.

Considerações semióticas sobre o álbum de canções - uma análise de Canções Praieiras

Matheus Henrique Mafra

Esta comunicação sintetiza o resultado final de uma pesquisa que visou, a partir da análise do álbum *Canções Praieiras* (CAYMMI, 1954), a descrever metalinguisticamente as peculiaridades discursivas do objeto "álbum de canções". Primeiramente, apresenta-se uma definição desse objeto para, então, estabelecer-se parâmetros basais de análise que sejam adequados a qualquer objeto dessa natureza. Parte-se da definição hjelmsleviana de análise, segundo a qual um objeto-totalidade só deve ser dividido em objetos-partes na medida em que tais partes revelem relações de dependência das partes entre si e de cada parte com o todo (1975, p. 33). Dessa forma, faz-se necessário refletir sobre o estatuto da canção enquanto componente do álbum. Uma vez entendida como parte de um álbum, a canção só poderá existir em sua relação com o álbum – o que parece tornar a "faixa do disco" um objeto distinto da canção em outros contextos. Ainda de acordo com essa abordagem, a descrição se encaminha para uma descrição que se dá das partes ao todo: primeiramente, é feita uma análise "faixa a faixa" para, em seguida, remontar as relações de dependência entre-faixas que respondem hierarquicamente à totalidade do disco. Para este fim, aproveita-se a coerência teórico-metodológica entre os dispositivos analíticos da semiótica da canção (TATIT, 1986, 1994, 1996, 2016; TATIT & LOPES 2008) e certa linhagem da Escola de Paris, especialmente em seus desdobramentos tensivos (ZILBERBERG, 2006 [1988], 2011 [1998]; 2012). Em *Canções Praieiras*, verifica-se uma dupla solidarização das faixas para a formação do disco: no âmbito paradigmático, um enredamento de fatos constrói, entre os “atores praieiros”, um intrincado sistema que define a “comunidade praieira”; no arranjo sintagmático, nota-se que o encadeamento das canções resulta numa "direção" própria do álbum, num jogo de aspectualizações e tipos de debreagem que instaura, na enunciação enunciada, um gradual distanciamento em relação à comunidade praieira.

Palavras-chave: Semiótica; Álbum; Canção; Caymmi; Tatit.

O Polêmico e e Fiduciário: Uma Análise Semiótica do Discurso Oficial da Reforma Trabalhista

Milton Souza Guiguer

A todo processo corresponde um sistema. Assim Hjelmslev coloca no centro da teoria da linguagem a necessidade de reconhecer as estruturas básicas, e descrevê-las em um número limitado de elementos. A tradição de análise das discursividades jurídicas, em regra, pela sua própria função social, negligencia a descrição para supervalorizar a adequação ao dever-ser hipotético, apriorístico ou decorrente de uma vontade superior fora da estrutura do texto. A pesquisa pretende a partir do ferramental da Semiótica Francesa realizar um duplo movimento. Primeiro liberar o texto jurídico da tradição essencialista, para, em segundo, demonstrar que realizar análise a partir do texto não significa abandonar o contexto histórico, mas ao contrário, limitarmos a análise às suas estruturas. Compreender o direito, desta forma, como decorrente da história antropológica, em uma perspectiva imanentista por excelência, e não como uma consequência de um plano deontológicos superior de virtudes, coloca o objeto em estudo independente dos hipotéticos calços metafísicos que são encontrados em grande parte das teorias sobre o Justo, e o prepara para uma perspectiva semiótica. O corpus escolhido foi o conjunto de relatórios apresentados nos Plenários das Casas Legislativas Federais sobre a Lei 13.467/2017, nomeada de Reforma Trabalhista, que contém em muitos aspectos uma narrativa proppiana típica do herói. Procuraremos demonstrar o complexo de relações que envolvem o fazer persuasivo e o fazer interpretativo, bem como suas relações com o que se convencionou denominar como hermenêutica pelas práticas humanas que envolvem interpretação de textos de natureza deontica (prescritiva). De um lado apresentar questões relevantes da complexidade da enunciação em discursividades fiduciárias e polêmicas; e por outro lado, debater o intrincado processo do fazer interpretativo em discursos dessa natureza.

Palavras-chave: Relações Fiduciárias; Relações Polêmicas; Fazer Interpretativo; Direito.

O falar na cidade de São Paulo “da ponte pra cá”

Monique Amaral de Freitas

Conhecida dentre seus moradores como “da ponte pra cá”, a região do Extremo da Zona Sul é frequentemente reivindicada como um local, simbólica e geograficamente, à parte da região mais central da cidade de São Paulo. Busca-se verificar, portanto, se essa distinção se manifesta também na produção de determinados fenômenos de variação de modo diferente dos padrões verificados por Oushiro (2015), que, a despeito da diversidade de tendências verificadas na comunidade paulistana, conclui que os paulistanos constituem uma única comunidade de fala a partir de questões de avaliação (LABOV, 1966) realizadas durante uma entrevista sociolinguística aos moldes propostos pelo Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2013) e que teve como participantes moradores nascidos na região. Resultados preliminares de análise dos discursos metalinguísticos dos falantes mostram que enquanto alguns participantes parecem não identificar um falar local, outros reivindicam um “falar das periferias” e outros, mais especificamente, um “falar da Zona Sul”. Ainda sobre os resultados, embora a amostra tenha sido construída a partir de critérios sociodemográficos tais quais faixa etária, escolaridade e gênero/sexo e também o local de residência, os dados obtidos e analisados parecem indicar a relevância da mobilidade urbana e do engajamento dos participantes em comunidades de práticas (ECKERT, 2001) na construção de discursos metalinguísticos a respeito de um falar local distinto das regiões mais centrais da cidade.

Palavras-chave: Português Paulistano; Avaliação Sociolinguística; Identidades Sociais.

O Metatermo “honra” nas *Artes* de João Rodrigues (1561-1634)

Olivia Yumi Nakaema

O jesuíta João Rodrigues (1561-1634) deu muita importância ao tema da polidez na língua japonesa ao descrevê-la nas suas *Artes* (1604-1608; 1620). Ao incluir observações destacando este tema desde o início da *Arte da Lingoa de Iapam* (1604-1608) em “Proêmio” e “Algumas Advertências”, Rodrigues indica a relevância do falar polido e elegante. Rodrigues destaca a polidez como sendo uma particularidade da língua e constrói uma “metalinguagem inovadora”, expandindo a terminologia latina (ZWARTJES, 2011, p. 136). Assim, o missionário vale-se de uma terminologia original que não se vê presente nas gramáticas latinas ou portuguesas de sua época, como em João de Barros (1540) e Fernão de Oliveira (1536). Segundo Shibatani (1990, p. 375), a língua japonesa possui dois tipos distintos de polidez: honorificação controlada pelo destinatário (*addressee-controlled honorification*); e honorificação controlada pelo referente. O primeiro encontra-se no eixo do falante-destinatário e é chamado de *teineigo* (*polite language*); e o segundo encontra-se no eixo do falante-referente e é dividido em *sonkeigo* (*respect language*) e *kenjôgo* (*humility/ humbling language*). Desse modo, este trabalho destina-se a analisar semântica e epistemologicamente a metalinguagem elaborada por Rodrigues para descrever a polidez, mais especificamente, procura-se investigar o uso do metatermo “honra”, usado também por Rodrigues em verbos e partículas de honra. Utiliza-se dos parâmetros clássicos propostos por Pierre Swiggers (2010, p. 18-19) do “conteúdo dos termos” (*le contenu des termes*), “incidência de termos” (*l’incidence des termes*) e a “marca cultural de termos” (*L’empreinte culturelle des termes*).

Palavras-chave: Polidez; metalinguagem; Língua Japonesa.

Construções dativas com verbos psicológicos em georgiano

Priscila Lima Pirini

Este trabalho investiga construções com verbos psicológicos em que o experienciador ocorre no caso dativo. No georgiano, uma língua falada no sul do Cáucaso, esse fenômeno é pervasivo. Assim, uma sentença como ‘Os garotos amam a menina’ seria equivalente em georgiano a ‘bich’-eb-s (garoto-PL-DAT) uqvar-t (amar-PL.DAT) gogona (menina.NOM)’, o estímulo ocorrendo no caso nominativo. A partir da observação desse fenômeno, principalmente na língua georgiana e sincronicamente, busca-se explicar a natureza desse tipo de marcação distintiva por meio da caracterização do processo de significação codificado por essas construções. Para tanto, adotamos a perspectiva da Linguística Cognitiva, em particular, a Gramática Cognitiva de Langacker (1987; 1991; 2008) que vai tomar as construções como pareamentos de forma e significado. Da busca pela caracterização do significado dessas construções, surgem importantes questões, tais como: de que modo essas construções diferem conceitualmente de outras construções de marcação canônica na língua; como seus participantes podem ser caracterizados levando-se em conta tanto parâmetros como animacidade, agentividade, volicionalidade, etc., quanto em relação à proeminência conceitual desses participantes no momento da codificação; qual é o papel da metáfora conceitual no processo de significação dessas construções; qual é a relação dessas construções com outras construções dativas na língua; e qual é a relação entre essa forma particular de se codificar eventos psicológicos e as demais formas, como com construções transitivas, médias, etc. A partir da investigação dessas questões e outras, o presente estudo visa contribuir não apenas para um melhor entendimento das construções sob foco na língua georgiana, mas também será importante de uma perspectiva tipológica, já que acreditamos que é de suma importância olhar para outras línguas que apresentem o mesmo fenômeno para o enriquecimento e aprofundamento das questões levantadas. Dessa forma, na medida do possível, dados de outras línguas também serão utilizados neste trabalho.

Palavras-chave: Georgiano; Linguística Cognitiva; Caso Dativo; Eventos Psicológicos.

No espanhol os objetos diretos podem ser marcados com a preposição A. Seguem os dados:

- (1) a. Juan vio a la chica
- b. *Juan vio la chica.
- c. Juan vio a una chica
- d. Juan vio una chica.
- e. Juan vio la/una mesa.
- f. *Juan vio a la/una mesa.

A marca A no objeto definido é obrigatória quando o objeto é animado. Se esse objeto for indefinido, a marca A é opcional. Se tal objeto é inanimado, a marca A não pode aparecer. Baseado em Torrego (1998), minha hipótese é que o DOM do espanhol é engatilhado por dois traços: afetação (medição) no verbo (Tenny, 1992, 1994) e animacidade no objeto. Segundo Chomsky (2000, 2001), a sonda do verbo valoriza o objeto, e assim os traços phi do verbo obtêm um valor. Nesse marco, eu proponho que a raiz verbal (V) copia o traço de *class* e animacidade de D; traços que devem ser dominados por medição. Quando isto acontece, é gerada uma marca A no objeto direto. Minha implementação será na Geometria de Traços de Harley e Ritter (2002). Uma consequência desta análise é que DOM não é caso; eles seriam fenômenos diferentes. O traço de caso do DP seria valorado por v; DOM seria uma operação do verbo (V) com D. Pode-se dizer que DOM antecipa caso. Na literatura é frequente a hipótese de que o traço especificidade deve ser parte do DOM do espanhol. Eu defendo que esse não é o caso, porque há objetos não específicos que são marcados com A:

- (2) Juan vio a una chica; pudo ser una u otra.

De acordo com Enç (1991), se o objeto for compatível com o complemento “una u otra”, então tal objeto é não específico. Portanto, o objeto de (2) deve ser não específico ainda que possa ser marcado com A.

Palavras-chave: Afetação; Animacidade; Geometria de Traços.

Como as crianças adquirindo Português Brasileiro julgam construções com o singular nu sujeito?

Raíssa Silva Santana

Objetivos. Investigar como adultos falantes de PB e crianças adquirindo a língua julgam construções em que o singular nu é o sujeito da sentença. Cada item investigado está relacionado a um tipo de predicado, cuja combinação com o nominal tem aceitabilidade controversa na literatura. São eles: i) predicados-de-espécie (“Cachorro é comum em todo lugar”) e ii) predicados-de-estágio (“Criança brincou de dança das cadeiras”). Investigamos ainda se um contexto que favoreça uma leitura contrastiva das sentenças em (ii) pode torná-las mais aceitáveis para os entrevistados (MENUZZI *et al.*, 2015). Método. Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade. Procedimento. Apresentamos construções como (i) e (ii) e pedimos que os sujeitos julguem se são aceitáveis. Acrescentamos itens-controle com sentenças genéricas como “Gato não gosta de se molhar”, que são amplamente aceitas na literatura. Cada item é apresentado após uma história contada com o auxílio de imagens. Materiais. As condições testadas contam com predicados a) genéricos; b) de espécie e c) de estágio. Sujeitos. 24 adultos falantes de PB, (Controle), e 54 crianças. Destas, 18 têm idades entre 5;6-6;0 anos (G-1) e 28 têm entre 7;0-7;6 anos (G-2). Metade dos sujeitos de cada grupo ouviu as sentenças inseridas em um contexto em que o nominal recebe leitura contrastiva, enquanto os demais escutaram as construções sem efeito de contraste. Resultados. Nossa coleta está em andamento, no entanto os resultados sugerem que para (a) e (b), todos os grupos consideram as sentenças aceitáveis (90% de aceitabilidade). Com relação a (c), as taxas de aceitabilidade para adultos e crianças não são tão elevadas (60%) independentemente do contraste. Discussão. Nossos resultados sugerem que construções com predicados-de-espécie são aceitáveis na língua. A presença de uma leitura contrastiva

parece não interferir nos julgamentos dos falantes de todos os grupos.

Palavras-chave: Aquisição de PB; Nominal Singular Nu; Aquisição de Semântica.

Semelhanças e diferenças entre os sistemas do desenho e da língua

Ricardo Akira Sanoki

A proposta do nosso trabalho é estudar e entender como ocorre a significação no desenho, propondo ser o desenho um sistema de signos, semelhante a como Ferdinand de Saussure define o que é a língua. Partimos dos conceitos do livro “Curso de Linguística Geral” e das quatro dicotomias que sintetizam as propostas do linguista. A cada dicotomia analisamos como os pares de conceitos podem ajudar a explicar a maneira como ocorrem as relações entre os signos visuais, seus valores e a significação, examinando quais as semelhanças e diferenças que a linguagem visual do desenho possui com a língua. O desenho é um tipo de linguagem que não serve apenas para representar o que vemos, o mundo visível, ele é uma forma de interpretar a realidade, de nos comunicarmos e de criar novas ideias e conceitos. Para ser entendido em nossa sociedade, o desenho figurativo precisa seguir alguma convenção de regras ou leis que as pessoas já conheçam para que, então, possam compreender o seu significado. “É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.” (SAUSSURE, 2006, p. 92). É um engano acreditar que o desenho é uma linguagem universal na qual todos os seres humanos, de qualquer cultura, conseguem compreender exatamente os seus significados simplesmente ao observá-la. Por exemplo, não é toda cultura que consegue olhar e interpretar desenhos dos personagens da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, ou do Menino Maluquinho, de Ziraldo, como seres humanos, para isso, é necessário ter um nível de abstração com a realidade e dominar um código aceito e compreendido por grupos de pessoas que podem assim olhar e identificar o que foi ilustrado. A Linguística e a Semiótica, com suas teorias sobre a significação, trazem um grande ganho para as análises de obras de Artes Visuais.

Palavras-chave: Semiótica visual; Desenho; Linguagem.

Um modelo lexical para Inferência em Linguagem Natural

Rodrigo Souza

O objetivo do projeto foi estabelecer a construção de um método de avaliação da validade de problemas de Inferência em Linguagem Natural (NLI). A NLI consiste na tarefa de determinar se um breve texto em língua natural, chamado hipótese, pode ser implicado, ou está contido, em outro texto também de língua natural, chamado premissa. O modelo construído funcionou com a expansão de lexemas em redes de relações semânticas. Trata-se do modelo de Bag-of-Words. A expectativa era identificar coincidências na relação entre as palavras dos dois textos (premissa e hipótese) do corpus Pascal RTE Challenge I. Este projeto trabalhou com a construção de um modelo de Bag-of-Words. Para a construção do modelo foram empregados exclusivamente recursos de acesso livre. O corpus utilizado foi o Pascal RTE Challenge I. Para o tratamento de dados foi utilizado o interpretador Python e, até o momento, implementado um conjunto modular de programas composto por: pré-tratamento do corpus, Reconhecimento de Entidade Nomeada (NER) e cálculo de TF-IDF. A partir do conjunto modular empregado, foi criado um estudo piloto para testar diferentes estratégias de associação entre os pares e suas relações com a classificação de acarretamento.

A partir do estudo piloto foram testadas técnicas de associação entre os pares, tais como, co-presença de entidades nomeadas, coincidência entre as palavras dos pares, filtro de palavras mais relevantes através de TF-IDF e comparação do tamanho das premissas e hipóteses. Como resultado, em 334 pares dos 800 presentes no corpus, foi possível aplicar tais critério e verificar suas respectivas relações com a classificação para a relação de acarretamento.

Palavras-chave: NLI; Linguística Computacional; Bag-of-Words

Conservação e mudança na descrição das partes do discurso da língua japonesa por Portugueses, Espanhóis e Franceses (1543-1856)

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

As revisões históricas sobre os estudos da língua japonesa pautam-se em marcos ou entidades nacionais ao tratar das “tradições linguísticas”, classificando obras semelhantes em “tradições” separadas devido a nacionalidade de seus autores, ou unindo obras distintas em uma única “tradição” simplesmente por terem sido escritas no mesmo contexto histórico.

Tendo em conta o contexto particular de desenvolvimento dessas “tradições” nos estudos do japonês, este trabalho pretende analisar gramáticas e dicionários da língua japonesa feitos por estrangeiros, partindo dos primeiros escritos de autoria portuguesa, no final do século XVI, e chegando até o surgimento do chamado “Japonismo” na França, em meados do século XIX. Julgamos ser possível estabelecer um novo olhar sobre o estabelecimento de “tradições”, observando o desenvolvimento das ideias e dos conceitos linguísticos em uma situação de intercâmbio, como no caso do presente trabalho, quanto a propostas de classificação de palavras.

As classificações adotadas para as partes do discurso tornam-se o foco de nossa análise por dois principais motivos. Primeiramente, porque a organização de capítulos de quase todas as gramáticas desse período é orientada pela classificação de palavras. Antes mesmo de iniciar a escrita de uma obra linguística, se fazia necessário o estabelecimento de quais seriam as categorias adotadas para que então fossem estabelecidas as divisões capitulares de uma gramática. Em segundo lugar, sendo a língua japonesa não indo-européia, os estudiosos europeus se depararam com uma série de impasses ao tentar utilizar conceitos europeus para definir palavras japonesas. Várias técnicas foram adotadas, desde o empréstimo de termos japoneses, a adaptação, a redefinição de conceitos até neologismos.

Palavras-chave: Revisões históricas; Língua japonesa; Dicionários.

O espanhol no Brasil: estudo historiográfico sobre três materiais para fins escolares da primeira metade do século XX

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna

Embora o Brasil seja rodeado por países hispano-falantes, foi apenas no final do século XIX e início do século XX que, de acordo com diversos registros históricos, o “mundo hispânico” se aproximou do “mundo brasileiro”, devido a aspectos econômicos, políticos, imigratórios (WEBER *et al.*, 2009; UEBEL; PAULI, 2015; PRADO, 2001). Nesse contexto, a língua espanhola emergiu como objeto de estudo, especialmente em instituições de ensino regulares, impulsionada por decretos e portarias ministeriais (cf. BRASIL, 1919; 1942; 1945). Nesta comunicação, pretendemos apresentar parte das análises que estamos realizando em nossa pesquisa de doutorado, em que buscamos verificar o tratamento dado ao espanhol no Brasil entre 1919 e 1961. Focaremos, portanto, em três materiais: a Grammatica da língua espanhola para uso dos brasileiros (1920), de Antenor Nascentes; o Manual de espanhol (1945), de Idel Becker; e Español básico (1947[1946]), de José Ramón Calleja Álvarez. Alinhadas às reflexões meta-historiográficas de Swiggers (2005[2004]), consideramos a necessidade de analisar estes materiais atentando-nos, por exemplo, a aspectos de caráter documental e técnico, tais como: os níveis de articulação linguística abordadas nas descrições, a origem dos dados/exemplos linguísticos, a modelização global da descrição e menções a estudiosos hispânicos. O cruzamento dos dados levantados nos permite observar continuidades e rupturas entre as três obras, além de contribuir com os estudos historiográficos acerca da presença do espanhol como língua de estudo no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Espanhol; Século XX.

A influência da aquisição da língua brasileira de sinais no processamento cerebral do indivíduo surdo: um estudo com ressonância magnética funcional

Sylvia Lia Neves

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo analisar se há diferença no processamento cerebral de acordo com as características de sinalização em língua brasileira de sinais (Libras) de dois grupos, sendo o primeiro formado por indivíduos surdos com aquisição de língua de sinais do período ideal, e o segundo grupo, com aquisição em período não ideal. O processo de aquisição de língua é a sequência de estágios pelos quais as crianças passam até atingirem o padrão adulto da língua em aquisição e deve ocorrer em um período ideal, referido como período crítico para aquisição de língua, nos primeiros anos da infância. Crianças surdas adquirindo uma língua seguem um padrão quase idêntico ao observado em crianças ouvintes adquirindo língua oral (LILLO-MARTIN, 2008). A proposta deste trabalho é investigar a compreensão da Libras em indivíduos surdos com aquisição em tempo adequado e aquisição tardia de Libras por meio da análise de suas atividades neuronais e de testes de linguagem. Pretende-se coletar dados de processamento de linguagem bem como de imagens de ressonância magnética funcional e analisá-los à luz de pesquisas da área da neurolinguística, levantadas na fase inicial do desenvolvimento do projeto. Os resultados poderão contribuir com uma melhor compreensão dos efeitos da aquisição tardia sobre o processamento de uma língua sinalizada e do funcionamento neuronal em língua de modalidade viso-espacial.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Ressonância Magnética Funcional; Linguística.

Sincretismo em “Zero”: entre o verbal e o visual

Tatiana Cristina Carlotti

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985) no Brasil, alguns romances passaram a questionar as formas tradicionais de composição literária, adotando procedimentos experimentais, em busca de novas maneiras de sensibilização do público leitor. Uma dessas obras é “Zero”, de Ignácio de Loyola Brandão, cuja trajetória dimensiona a repressão da época: lançado primeiramente na Itália, em 1974, o livro foi publicado no Brasil em 1975, censurado e somente liberado em 1979. Trabalhando com temas silenciados pela repressão (como a miséria, a violência policial etc.) e tabus à época, “Zero” se apresenta como um texto fortemente sincrético; construído a partir da fusão de sistemas semiológicos, das linguagens verbal e visual; e disposto como uma colagem de vários gêneros discursivos (desenhos, anotações, estatísticas, slogans etc.), o que permite inúmeros percursos de leitura da obra. Partindo da hipótese de que o experimentalismo é mais presente na formação da literatura brasileira do que se costuma considerar, a apresentação focará justamente nos elementos sincréticos da obra, demonstrando, a partir dos dispositivos da semiótica greimasiana e das contribuições da teoria do discurso, como “Zero”, por meio de vários procedimentos experimentais, conseguiu realizar sua própria revolução, no caso, a revolução da forma tradicional do romance, ecoando as indignações de seu tempo e, ao mesmo tempo, possibilitando uma maior interação entre leitor e obra.

Palavras-chave: Literatura Experimental; Romance Contemporâneo; Semiótica Greimasiana; Sincretismo.

A construção do significado segundo Merleau-Ponty

Tayná de Braz Menezes do Rosario

Remetendo às dicotomias saussurianas e chomskianas, teorias linguísticas contemporâneas têm buscado demonstrar que a comunicação humana envolve mais que a língua ou a competência e mais até que a fala ou a performance. Nesse panorama, o pensamento de Maurice Merleau-Ponty sobre a língua, ainda pouco explorado pela ciência da linguagem, oferece um aporte teórico para estudos que busquem capturar o processo semiótico contínuo, dinâmico e corporeado da construção de significação. No estudo que venho desenvolvendo, tenho encontrado pontos de convergência entre a filosofia da linguagem de Merleau-Ponty e estudos que têm uma visão dinâmica da linguagem e consideram-na em sua totalidade, abarcando o uso, o corpo e o corpo em interação. Nessa apresentação, buscarei demonstrar especificamente que, para Merleau-Ponty, o corpo é central para a comunicação e até mesmo para o pensamento. É à medida que nos expressamos, usando nossos corpos, que nossos pensamentos passam a existir. Não há um pensamento interior, dissociado da fala ou anterior a ela. Para pensar – e para nos comunicar –, portanto, precisamos dos nossos corpos, e é a partir deles que temos a percepção do outro e do fato de que há uma situação comum, o que possibilita a comunicação. Além disso, apresentarei como a dinamicidade envolvida no processo de construção de significação proposto por Merleau-Ponty nos remete à questão da convencionalidade e criatividade linguísticas, além de servir de respaldo para teorias contemporâneas que estão tentando explicar a língua como um sistema dinâmico, complexo e adaptativo. Os conceitos de fala falada e fala falante elaborados pelo filósofo trazem outro pré-requisito comunicativo: por um lado, temos uma sintaxe, um vocabulário e um conhecimento estabelecidos e comuns ao ouvinte e ao falante. Por outro, o falante deve rearticular esse conhecimento compartilhado de modo a dar vida a um novo pensamento, permitindo que a fala continue comunicativa.

Palavras-chave: Semiótica; Merleau-Ponty; Dinamicidade; Corporeamento.

Reflexões sobre a Linguística Evolutiva como Abordagem Teórica nas Ciências da Linguagem

Thiago Macek Gonçalves Zahn

Influências mútuas entre as ciências biológicas e da linguagem remontam ao menos ao século XIX, embora, no século XX, a linguística, buscando estabelecer-se como “ciência independente”, distancie-se do pensamento evolutivo. Uma reaproximação, ainda incipiente no Brasil, desponta desde a década de 1960, e envolve diferentes frentes: 1) Teorias evolutivas de mudança linguística - "microevolução linguística"; 2) Métodos e teorias evolutivos aplicados à linguística histórica e à tipologia – “macroevolução linguística”; 3) Estudos sobre evolução (biológica e cultural) no desenvolvimento da capacidade linguística. Embora a literatura relacionada seja crescente, restam questões sobre como se relacionam diferentes abordagens evolutivas, como e se podem ser compreendidas como uma "linguística evolutiva" integrada, e seus pressupostos teóricos, implicações e relações com outras abordagens. Neste trabalho, pretendo: 1) comparar e buscar aproximações entre modelos de "microevolução linguística" (ao menos os de Salikoko Mufwene e William Croft) e de "macroevolução linguística”, refletindo sobre a possibilidade de uma “linguística evolutiva” como proposta unificada; 2) analisar pressupostos da linguística evolutiva e suas implicações, onde possível comparando-a com outras abordagens; 3) desenvolver exemplo(s) de forma a demonstrar características desta abordagem. Atualmente estou revisando usos e definições de “linguística evolutiva”/ “evolução linguística” em trabalhos das “frentes de aproximação” entre linguística e evolução; iniciei comparações entre as teorias de Mufwene e Croft, buscando aproximá-las situando-as como instanciações de "modelos evolutivos generalizados", com base no “modelo geral de seleção” de George Price e na “análise geral da seleção” de David Hull; e estou revisando análises da filosofia da linguística e da evolução para iniciar uma investigação epistemológica sobre a linguística evolutiva. Além de me aprofundar nesses pontos, os próximos passos são: buscar situar a “macroevolução linguística” em modelos evolutivos generalizados; e preparar um “estudo exemplo” que permita utilizar e discutir características da linguística evolutiva como abordagem.

Palavras-chave: Linguística Evolutiva; Mudança Linguística; Linguística Histórica; Tipologia Linguística; Epistemologia.

Semiose na Poesia Experimental de Ana Hatherly

Valéria Nassif Domingues

O objetivo desta comunicação é apresentar o desenvolvimento do estudo da poesia experimental de Ana Hatherly em seu livro *Anagramático* (HATHERLY, Ana. Um computador de improbabilidades. Quimera: Portugal, 2001.), através de dispositivos das ciências linguísticas e da semiologia de orientação saussureana. Ana Hatherly, formada em filologia germânica, antiga professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FSCCH), foi uma importante poetisa do Experimentalismo português - movimento literário que se desenvolveu na segunda metade do século XX e cuja principal característica estética era o experimental nos níveis linguísticos (fonológico, sintático, semântico, etc.) e nos níveis extralinguísticos (como na plasticidade, por exemplo). Seus trabalhos poéticos têm, entretanto, uma característica própria que os destacam dentro do movimento: uma grande influência do barroco português, decorrente das pesquisas de caráter filológico da autora. Para esta comunicação, propõe-se apresentar os resultados da pesquisa de mestrado em andamento sobre o caráter filológico do livro *Anagramático* e uma análise inicial de alguns trechos do livro. Acredita-se que o trabalho de filologia feito acerca do livro seja fundamental uma vez que somente através dele é possível se aproximar das chaves de leitura dos textos. Buscar-se-á com a elucidação de alguns diálogos feitos pelo livro com a tradição literária portuguesa justificar os caminhos tomados pela análise.

Palavras-chave: Semiótica; Poesia; Experimentalismo; Ana Hatherly.

A tarefa de sincronização da fala e a quebra de expectativa semântica: um estudo piloto

Verônica Penteado Siqueira

Este trabalho tem como objetivo apresentar a metodologia desenvolvida para um experimento de sincronização da fala, bem como discutir os resultados parciais do estudo piloto. O experimento de sincronização da fala baseia-se nos trabalhos desenvolvidos por Cummins (2002, 2003). A fala sincronizada é um tipo de fala experimental, em que dois sujeitos leem o mesmo texto ao mesmo tempo, procurando manter-se em sincronia. Apesar das idiosincrasias próprias de cada sujeito, foi observado que a sincronia é obtida fácil e rapidamente, sem nenhum tipo de treinamento prévio. A fala sincronizada, por sua vez, insere-se dentro do termo “guarda-chuva” cunhado por Cummins (2018): *joint speech* (fala conjunta), usado para se referir a um tipo de fala em que várias pessoas falam o mesmo texto ao mesmo tempo, tal como em orações e protestos. Com o objetivo de compreender a fala para além de um mecanismo de produção vocal, mas sim como parte da complexidade da cognição humana, este experimento busca observar a fala sincronizada em interação com outro nível da cognição: a semântica. Fundamentando-se nos experimentos iniciados por Kutas e Hillyard (1980) e no estudo de França (2002) sobre incongruências semânticas, procurou-se observar os efeitos – se eles existem – de palavras que ocorrem fora de contexto (as quais estamos chamando de “quebra de expectativa semântica”) na tarefa de sincronização da fala. A hipótese inicial é de que há interferência de incongruências semânticas na produção da fala sincronizada, provocando efeitos como o aumento do tempo de assincronia entre os sujeitos. Até o momento, os resultados parciais do estudo piloto não indicaram diferenças significativas entre as condições experimentais (com incongruência e sem incongruência). No entanto, os dados apontam para uma reavaliação da hipótese, e sugerem uma discussão acerca dos efeitos das restrições impostas pela tarefa sobre o ritmo da fala e sobre a variabilidade entre os sujeitos.

Palavras-chave: Fonética; Fala Sincronizada; Expectativa Semântica; Dinamicismo.

A conceptualização de referentes femininos e masculinos em Português Brasileiro

Vivian U. C. Bernardo

Este trabalho visa a apresentar uma proposta da Linguística Cognitiva para descrever e analisar a construção de referentes em textos a partir da observação da concordância de gênero gramatical no Português Brasileiro (PB). Para tanto, convém contextualizar esse tema. O gênero gramatical no PB pode ser compreendido a partir dos termos “marcado” e “não marcado”, (cf. Câmara Jr, 1966, 1972, 1975), ou, respectivamente, das categorias “feminino” e “masculino”. Ademais, no PB, o gênero masculino e as noções de “neutro” e “genérico” — i.e., gêneros que pretendem expressar, respectivamente, grupos de seres inanimados e grupos com seres de diferentes sexos — frequentemente apresentam a mesma marcação morfológica, a terminação em –o. Essa coincidência se mostra afetada por uma possível associação de gêneros gramaticais a sexo, conforme indica o levantamento bibliográfico feito (BOJARSKA, 2012; GYGAX et al, 2012; BRAUN et al, 2005). A partir disso, supusemos que o sufixo –o tende a ser lido como expressão de masculino, e o sufixo –a, de feminino. Para compreender o uso desse masculino genérico, consideramos relevantes certos fenômenos comumente estudados pela Linguística Cognitiva, conforme Steen (2016, 2017), Bybee (2012), Barcelona (2011), Langacker (2008, 2009), entre outros. Entre esses fenômenos, interessa-nos principalmente a conceptualização metonímica, principal foco desta comunicação, investigada mediante análise qualitativa de um corpus compilado durante a pesquisa. Entre nossos resultados, a partir de dados experimentais obtidos em estudos sobre outras línguas românicas (que também apresentam gêneros feminino e masculino), apresentaremos a tendência de falantes não reconhecerem que o masculino genérico inclui seres femininos na mesma proporção que reconhecem a inclusão de masculinos. Por fim, propomo-nos a discutir se usos dos gêneros gramaticais no PB se mostram influenciados por pressões metonímicas ou, ainda, por outros processos cognitivos.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Morfossintaxe; Conceptualização; Gênero Gramatical.

A Língua Geral de Mina e as Interrogativas-WH

Wellington Santos da Silva

O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura das interrogativas-WH da língua geral de mina (LGM), língua africana falada no Brasil, documentada na *Obra Nova de Língua Geral de Mina* (1748). A presença dessa língua Gbe no Brasil é um ponto relevante de nossa História Linguística (NEGRÃO e VIOTTI, 2012) e a descrição de sua morfossintaxe pode ser importante para explicar a emergência do português brasileiro (PB). Além disso, uma compreensão da estrutura da LGM também se mostra um passo importante para os estudos da diacronia das línguas Gbe, visto que, conforme argumenta Aboh (2015), os documentos diacrônicos encontrados atestam uma notável estabilidade dos traços morfossintáticos do Gbe antigo e das línguas Gbe modernas. Um desses traços corresponde à estrutura das interrogativas WH: em geral, nas línguas Gbe, esse tipo de sentença só pode ser realizado através do movimento do constituinte-WH para uma posição imediatamente à esquerda do marcador de foco – o qual é morfológicamente realizado –, não sendo permitidas interrogativas com constituintes-WH *in situ* (ABOH, 2004b). Esse mesmo tipo de comportamento apresentado pelas línguas Gbe modernas é encontrado no documento *Grammaire Abrégée*, uma gramática pedagógica de uma variedade Gbe, datada de 1730 (ABOH, 2015). Assim, este trabalho investiga se a LGM também utiliza estratégias de focalização para a formação de interrogativas-WH, apresentando, assim, a estabilidade de um dos traços caracterizadores das línguas Gbe. No pequeno conjunto de interrogativas-WH disponíveis na LGM, um número considerável parece apresentar o comportamento padrão das línguas Gbe – isto é, com marca de focalização. Porém, outras sentenças, aparentemente, exibem uma estrutura distinta, qual seja, a ausência de marcação de foco. Deste modo, nossa análise procurará mostrar se outras estratégias eram utilizadas para formar interrogativas-WH na LGM, ou mesmo se a tradução proposta por Costa Peixoto não condiz com a sentença da variedade Gbe.

Palavras-chave: Língua Geral de Mina; Línguas Gbe; Interrogativas-WH.

Significados sociais do subjuntivo em São Paulo e São Luís

Wendel Silva dos Santos

Este trabalho apresenta uma análise da percepção de como soam paulistanos e ludovicenses quando ouvintes são estimulados por clipes de áudio que contêm orações subordinadas adverbiais (“embora eu tire/tiro nota baixa, eu gosto de português” e “talvez ela compreendesse/compreendia e te perdoaria”) e substantivas (“ele quer que eu traga/trago profissionais formados para a empresa” e “o professor acredita que mais alunos vem/venham participar do evento”), no modo indicativo ou subjuntivo. Discute-se que os “membros de uma comunidade avaliam formas mais superficiais da língua, mas não características estruturais mais abstratas” (Labov, 1993). Apesar de Santos (2015) não ter verificado grandes diferenças quanto ao emprego do indicativo e do subjuntivo por esses falantes, há um discurso popular acerca de que “paulistanos não usam ou não sabem o subjuntivo” e que “ludovicenses falam a melhor variedade do português brasileiro”. Interessa saber como paulistanos e ludovicenses avaliam o indicativo (no lugar do subjuntivo). Se, por um lado, deixar de empregar o subjuntivo pode ser percebido como “erro”, por outro pode estar associado a uma noção de “paulistanidade”. As análises realizadas (R Core Team, 2018) mostram que o emprego do indicativo, no lugar do subjuntivo, está associado a noções de erro e formalidade, mas não a uma noção de paulistanidade, e paulistanos foram percebidos como mais bem-sucedidos pelos ludovicenses, tanto nos áudios no subjuntivo quanto nos áudios no indicativo. Além de mostrar que ouvintes são capazes de avaliar variáveis estruturais, este trabalho contribui para que se ampliem os estudos de percepção, restritos, em sua maioria, à análise de variáveis fonológicas.

Palavras-chave: Subjuntivo; Indicativo; Percepção; São Paulo; São Luís.

Comissão Organizadora do XXII ENAPOL

Comitê executivo

Coordenação Geral

Ivã Carlos Lopes

Organização

Adriana Inácio / Andréa Higa / Camila Silvestre / Gustavo Táriba / Hadassa Franca / Jéssica Mendes / Leonardo Reitano /
Matheus Mafra / Valéria Nassif / Verônica Siqueira / Vinicius Lopes

Comitê científico - pareceristas e debatedores

Ana Muller / Cássio Santos / Cristina Altman / Dayane Almeida / Elaine Grolla / Eliane Domaneschi / Eliane Soares /
Ernani Terra / Ezekiel Panitz / Felipe Venâncio / Fernanda Rosa da Silva / Guilherme Demarchi / Graziela Pigatto Bohn /
Iara Rosa Farias / Ivã Carlos Lopes / Ivan Rocha da Silva / Janayna Maria da Rocha Carvalho / Karin Camolese
Vivanco / Lívia Oushiro / Livy Real / Marcelo Barra / Olga Coelho / Rafael Dias Minussi / Renata Moreira / Renato
Caruso Vieira / Saulo Nogueira Schwartzmann / Thiago Moreira Correa / Vitor Augusto Nobrega / Waldir Beividas